

## SUCESSO ACADÉMICO E RISCOS NO ENSINO SUPERIOR

Dissertação de Mestrado

Jenito José Ocante da Silva

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Sandrina Diniz Fernandes Milhano

Professora Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto

Leiria, setembro 2025

Mestrado em Educação e Inovação Pedagógica

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente á Deus pelo dom da vida!

Agradeço ao meu falecido pai que sempre esteve presente na minha vida e a minha mãe que apesar da distância continua apoiando incondicionalmente.

A minha família em especial a minha esposa pela forma como me motivou e incentivou nos momentos de desânimo ao longo desse período de grande desafio.

As minhas professoras do mestrado em particular a professora a Dra. Sandrina Diniz Fernandes Milhano, Dra. Hélia Pinto e a Dra. Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto pela sabedoria, paciência e a disponibilidade que demonstraram ao longo do meu percurso.

Quero agradecer ao Instituto Politécnico de Leiria (ESECS) pela oportunidade que me foi concebida de experimentar diferentes mestrados através das escolhas de diferentes unidades curriculares.

Aos meus colegas de diferentes mestrados em particular os meus conterrâneos pela forma como partilhamos momentos agradáveis e difíceis.

## RESUMO

O presente estudo analisa os diferentes fatores que influenciam o sucesso académico dos estudantes guineenses no ensino superior em Portugal.

Em concordância com os nossos objetivos, desenvolvemos um estudo de cariz qualitativo, com 4 participantes, de ambos os sexos, a frequentar uma instituição do ensino superior em Portugal.

Este estudo evidencia que os estudantes enfrentam um conjunto de dificuldades estruturais e pessoais que afetam diretamente o seu percurso, nomeadamente, as limitações económicas, a necessidade de conciliar o estudo com o trabalho, as barreiras linguísticas e culturais, bem como episódios de discriminação e isolamento social. Estes elementos, em conjunto com a adaptação a um sistema de ensino mais exigente e tecnologicamente mais avançado, representam riscos significativos para a sua permanência no país de acolhimento e para o seu desempenho académico.

Apesar destes obstáculos, o estudo revela, também, a existência de mecanismos de resiliência que permitem aos estudantes superar adversidades e prosseguir os seus objetivos. A motivação pessoal, o apoio emocional e financeiro da família, o apoio dos colegas, dos docentes e de algumas redes institucionais surgem como fatores decisivos na sua integração académica e social. Além disso, muitos estudantes reconhecem no ensino português vantagens pedagógicas, nomeadamente a valorização do pensamento crítico e o acesso a recursos tecnológicos, que se revelam oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, ou seja, o estudo revela que o sucesso académico destes jovens não se reduz ao esforço individual, mas resulta da interação entre fatores pessoais, sociais, institucionais e estruturais.

O estudo sublinha, ainda, a necessidade de políticas de apoio mais consistentes, capazes de reduzir as desigualdades e promover

condições de acolhimento e integração. Da mesma forma, recomenda-se, o fortalecimento de medidas financeiras, nomeadamente do país de origem, programas de tutoria e orientação, ações de formação intercultural e a dinamização de redes de apoio entre pares.

### **Palavras-chave**

Ensino superior, *fatores de risco, sucesso académico.*

## ABSTRACT

The present study analyzes the different factors that influence the academic success of Guinean students in higher education in Portugal. In accordance with our objectives, we developed a qualitative study with 4 participants of both sexes, attending higher education in Portugal.

This study highlights that students face a set of structural and personal difficulties that directly affect their journey, namely, economic limitations, the need to reconcile study with work, language and cultural barriers, as well as episodes of discrimination and social isolation. These elements, together with adapting to a more demanding and technologically advanced education system, represent significant risks for them. Despite these obstacles, the study also reveals the existence of resilience mechanisms that allow students to overcome adversities and pursue their goals. Personal motivation, emotional and financial support from family, support from peers, teachers, and some institutional networks emerge as decisive factors in their academic and social integration. Stay in the host country and for their academic performance.

Moreover, many students recognize in Portuguese education pedagogical advantages, namely the appreciation of critical thinking and access to technological resources, which are opportunities for personal and professional development. In other words, the study shows that the academic success of these young people is not limited to individual effort, but results from the interaction between personal, social, institutional, and structural factors.

The study also underscores the need for more consistent support policies that can reduce inequalities and promote conditions of welcome and integration. Similarly, it is recommended to strengthen financial measures, particularly from the country of origin, mentorship and guidance programs, intercultural training actions, and the activation of peer support networks.

## **Keywords**

Higher education, risk factors, academic success.

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract .....	v
Índice Geral .....	vii
Índice de Tabelas .....	viii
1. Introdução .....	1
Enquadramento Teórico .....	7
1.1. Fatores que moldam o sucesso académico .....	9
3.1. Fatores que moldam o sucesso académico dos estudantes dos países de língua oficial portuguesa (PALOP), nomeadamente da Guiné-Bissau .....	14
4. Evolução do sistema educativo guineense .....	19
Metodologia .....	25
1. Guião da entrevista .....	28
2. Caracterização dos participantes .....	30
Análise e discussão de resultados .....	33
Conclusões .....	49
Bibliografia .....	52
Anexos .....	1

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Guião da entrevista.....	28
Tabela 2 – Caracterização e contextualização dos participantes.....	32

# 1. INTRODUÇÃO

A educação superior é um dos principais motores de desenvolvimento individual, social e económico. Para além de possibilitar a aquisição de competências técnicas e científicas, promove a reflexão crítica, a cidadania ativa e a redução das desigualdades sociais.

Em contexto global, a mobilidade académica tornou-se uma realidade cada vez mais expressiva, levando milhares de estudantes a procurar oportunidades de formação fora do seu país de origem. Neste grupo, encontram-se os estudantes guineenses que, devido a fatores históricos, linguísticos e culturais, encontram em Portugal um destino privilegiado para a sua formação académica.

No entanto, a experiência destes estudantes revela-se marcada por inúmeros desafios. As dificuldades económicas, a necessidade de conciliar o estudo e o trabalho, as barreiras linguísticas e culturais, bem como, episódios de discriminação, constituem fatores que comprometem não apenas a adaptação, mas também a permanência e o sucesso académico. Paralelamente, as diferenças entre o sistema educativo da Guiné-Bissau e o português acentuam o choque inicial e exigem um esforço adicional de adaptação a novas metodologias de ensino e a ambientes digitais mais exigentes.

Apesar desses obstáculos, muitos estudantes demonstram resiliência e desenvolvem estratégias de superação que lhes permitem prosseguir os seus estudos e alcançar os seus objetivos pessoais e profissionais. O apoio familiar e social, a motivação intrínseca e algumas iniciativas institucionais de acolhimento revelam-se fundamentais para este processo. Assim, compreender os fatores que limitam ou favorecem o percurso académico destes jovens é essencial não só para assegurar a sua integração, mas também para fomentar políticas de equidade e inclusão no ensino superior.

Na revisão da literatura evidenciamos a importância da educação, descrevendo os seus contributos e as suas potencialidades como motor de desenvolvimento humano, social e económico, promovendo igualdade de oportunidades, redução das desigualdades e fortalecimento da democracia, assim como, descrevemos os fatores pessoais, sociais, familiares, institucionais, estruturais e os fatores que moldam o sucesso académico, em

geral e dos estudantes guineenses que frequentam o ensino superior, em Portugal, em particular.

Descrevemos ainda a evolução do sistema educativo guineense, nomeadamente no período colonial, pós-colonial, assim como fazemos uma breve abordagem acerca do panorama atual do ensino superior na Guiné-Bissau.

Na dimensão empírica do estudo diz respeito ao estudo empírico. Assim, começamos por descrever a metodologia, apresentamos o instrumento da recolha e análise de dados utilizado e os procedimentos adotados. Finalmente, apresentamos a caracterização dos participantes, a análise dos resultados e as conclusões.

## 1.2 Problemática do estudo

A educação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento pessoal, social e económico dos indivíduos e sociedades. De acordo com o Secretário da Nações Unidas, António Guterres (2022) a educação é um dos principais instrumentos para a transformação das condições de vida, oferecendo a possibilidade de acesso a novos conhecimentos, habilidades e oportunidades. Além disso, é um instrumento que fomenta a reflexão crítica, torna os indivíduos mais conscientes dos seus direitos e deveres, contribuindo para o empoderamento individual, para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária e, conseqüentemente para o fortalecimento das democracias.

No contexto globalizado, o acesso à educação de qualidade é ainda mais relevante, uma vez que, a competitividade e a inovação dependem diretamente da formação de pessoas capacitadas e bem preparadas. A educação superior, em particular, revela-se um fator preponderante para o crescimento económico e a redução das desigualdades, criando oportunidades profissionais e sociais.

Perante esta realidade, muitos indivíduos de países africanos, nomeadamente da Guiné-Bissau, procuram novas oportunidades educacionais e profissionais fora dos seus países de origem. Neste contexto, Portugal apresenta-se como um destino preferencial para muitos dos estudantes guineenses que desejam frequentar o ensino superior. A relação linguística, a qualidade das instituições de ensino e as várias possibilidades de integração no mercado de trabalho são fatores atrativos para os futuros estudantes que anseiam integrar as universidades portuguesas. No entanto, apesar das vantagens e oportunidades que o país oferece, o percurso dos estudantes guineenses no ensino superior, em Portugal, apresenta alguns riscos e obstáculos difíceis de ultrapassar.

O estudo divulgado pelo Politécnico de Bragança revela que os estudantes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e de Timor-Leste enfrentam mais dificuldades no ensino superior em Portugal, quando comparados aos estudantes portugueses. As principais dificuldades observadas incluem um desempenho inferior dos estudantes dos PALOP e Timor, o que muitas vezes contribui para o abandono dos cursos,

---

1 <https://www.publico.pt/2024/01/15/sociedade/noticia/estudantes-palop-timor-dificuldades-ensino-superior-2076960>

com mais de 50% dos alunos de Cabo Verde e Guiné-Bissau, em comparação com os estudantes portugueses.

Outros desafios incluem as barreiras financeiras, como a dificuldade em arcar com os custos inerentes ao curso, o alto custo de vida e, por vezes algumas limitações no acesso a bolsas de estudo, o que pode forçá-los a trabalhar, prejudicando a frequência normal do curso. Além disso, existe um grande atraso na atribuição de vistos, especialmente no caso da Guiné-Bissau, o que faz com que os estudantes cheguem a Portugal depois do início do semestre, perdendo parte importante das experiências da aprendizagem.

Acresce a isto, que muitos estudantes enfrentam um choque cultural significativo ao instalarem-se em Portugal, com dificuldades de se adaptarem ao novo ambiente educacional e social. Ao mesmo tempo, a língua pode revelar-se, igualmente, uma barreira já que a variante do português falada na Guiné-Bissau é diferente da usada em Portugal, assim como a diferença das matrizes do ensino secundário entre Portugal e a Guine Bissau, o que contribui para algumas das dificuldades descritas pelos estudantes.

Se estes fatores só por si são desafiadores, aliados à falta de apoio por parte das entidades da Guiné-Bissau, em apoiar os seus cidadãos, tornam-se muito difíceis de ultrapassar. O apoio aos estudantes guineenses ultrapassa a questão das qualificações académicas, ou seja, o apoio representa uma porta de acesso a um futuro melhor, tanto em termos de perspetivas pessoais quanto coletivas. Em última instância a superação desses desafios pode contribuir não apenas para o sucesso individual dos estudantes, mas também, para o fortalecimento das relações entre Portugal e a Guiné-Bissau, promovendo uma sociedade mais justa e integrada e, eventualmente para uma possível contribuição no desenvolvimento de Guiné-Bissau. No entanto, esta potencialidade esbarra em diversos obstáculos que dificultam a integração plena dos guineenses no sistema educacional português, limitando suas oportunidades de sucesso

Partindo desta preocupação, a problemática central deste estudo gira em torno dos principais obstáculos que os estudantes guineenses enfrentam, no ensino superior, em Portugal, limitando as suas oportunidades de sucesso.

United Nations (2022). *Transforming Education Essential to Unlocking Safer, More Equal, Peaceful Future, Secretary-General Says in Message for Paris Summit*. Paris: UN. Disponível em: <https://press.un.org/en/2022/sgsm21357.doc.htm>

Além disso, enfrentam diversos desafios no seu percurso académico em Portugal, como dificuldades económicas, barreiras linguísticas, discriminação racial, e uma adaptação difícil ao sistema educacional e cultural. O apoio familiar, social e institucional, a resiliência pessoal e a gestão do tempo entre estudo e trabalho são essenciais para superar essas dificuldades. A falta de recursos educacionais adequados e o acesso desigual à educação superior também comprometem as suas oportunidades. Além disso, o stress psicológico e a pressão económica afetam o seu desempenho, exigindo estratégias de apoio, tanto psicológicas quanto educacionais, para garantir o sucesso académico e a integração no novo ambiente.

O estudo trata-se de um estudo de caso que tem seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Conhecer os fatores percecionados como essenciais pelos estudantes internacionais da Guiné-Bissau que estudam no Instituto Politécnico de Leiria para o seu sucesso académico.

Objetivos específicos:

- Conhecer as conquistas dos estudantes internacionais da Guiné-Bissau que ingressaram no ensino superior, no Instituto Politécnico de Leiria. Procura-se especificar as conquistas alcançadas no acesso, ingresso e permanência dos estudantes no ensino superior e descrever como são percecionadas estas conquistas.
- Conhecer os desafios dos estudantes internacionais da Guiné-Bissau que ingressaram no ensino superior, no Instituto Politécnico de Leiria. Procura-se especificar os desafios sentidos no acesso, ingresso e permanência dos estudantes no ensino superior e descrever como são percecionados esses desafios.
- Conhecer as perspetivas dos estudantes da Guiné-Bissau sobre as estratégias que consideram mais relevantes para o seu percurso académico. Procura-se especificar os fatores pessoais, familiares, sociais, institucionais e estruturais promotores do seu sucesso no ensino superior em Portugal, descrever como esses fatores são percecionados pelos estudantes.

Tendo em conta os objetivos do estudo esperamos contribuir com o conhecimento que promova o sucesso dos estudantes da Guiné-Bissau a estudar no Instituto Politécnico de Leiria através de recomendações ou praticas que promotoras de sucesso académico.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A educação é um direito fundamental e uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de qualquer sociedade. Ela é responsável por formar cidadãos conscientes e preparados para os desafios do mundo atual. A educação abre portas para o conhecimento e possibilita o crescimento pessoal e profissional, além disso, é através dela que se consegue promover a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades sociais ao fornecer as mesmas condições de aprendizagem para todos, independentemente da sua origem ou classe social (Sen, 2010). A educação também tem um papel importante na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada, pois permite que os indivíduos adquiram as habilidades e competências necessárias para participar ativamente na vida política e social da sua comunidade (Fonseca, 2017; UNESCO, 2015).

Dentro desta perspetiva, o Secretário da Nações Unidas, António Guterres (2022) a educação é um dos principais instrumentos para a transformação das condições de vida, oferecendo a possibilidade de acesso a novos conhecimentos, habilidades e oportunidades. Além disso, é um instrumento que fomenta a reflexão crítica, torna os indivíduos mais conscientes dos seus direitos e deveres, contribuindo para o empoderamento individual, para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária e, conseqüentemente para o fortalecimento das democracias.

O acesso à educação de qualidade não impulsiona, apenas, o desenvolvimento humano, mas está diretamente ligado ao crescimento económico de um país. Os países que investem na educação possuem melhores indicadores económicos, isto porque, uma força de trabalho mais qualificada tenderá a ser mais produtiva e inovadora (OECD, 2020). O impacto da educação reflete-se, igualmente, na melhoria das condições de saúde. Indivíduos mais educados têm maior acesso à informação e tendem a adotar comportamentos mais saudáveis, o que contribui para a redução de doenças e para o aumento da longevidade, ou seja, os indivíduos a ter melhor qualidade de vida (Cutler & Lleras-Muney, 2006).

Além disso, a educação desempenha um papel crucial na promoção da igualdade de género e na redução de desigualdades sociais. Mulheres com mais educação, por

exemplo, tendem a ter menos filhos, a participar mais ativamente no mercado de trabalho e a melhorar sua posição social e económica (World Bank, 2021). A educação, portanto, tem um efeito multiplicador em diversas esferas da vida, desde o fortalecimento das famílias até o aumento da coesão social e estabilidade política de um país.

A educação também tem uma importância crucial para os emigrantes em geral, e os africanos, em particular, que frequentemente enfrentam desafios significativos, como barreiras linguísticas, discriminação e dificuldades para aceder aos serviços educacionais. Para os emigrantes africanos, a educação representa uma ferramenta essencial para a integração no novo país, permitindo-lhes a aquisição de competências necessárias para se adaptarem ao novo ambiente e melhorarem a mobilidade social. Estudos indicam que os filhos de emigrantes africanos, em particular, dos guineenses a residirem em Portugal que têm acesso à educação de qualidade tendem a ter melhores condições de vida e maior capacidade de alcançar o sucesso profissional (Ager & Strang, 2008). Além disso, a educação ajuda a construir a sua própria identidade, permitindo-lhes compreender e fortalecer as suas raízes culturais, sem descurarem a matriz do país de acolhimento, enquanto participam plenamente na *societPekrunade* que o acolheu (Meyer & Brown, 2020).

Contudo, a educação não deve ser vista apenas como um meio de alcançar um emprego, mas, também, como uma forma de desenvolvimento integral do ser humano, ajudando-o a compreender o seu papel na sociedade e a procurando soluções criativas para os problemas que surgem (Freire, 1996). A educação crítica e reflexiva, que promove o pensamento autónomo, é essencial para a formação de cidadãos que não procurem apenas o seu próprio sucesso, mas contribuam para o bem-estar coletivo (Giroux, 2011), ou seja, a educação deve ser valorizada como a base de uma sociedade mais desenvolvida, inclusiva e igualitária (Fonseca, 2017; Morrow & Torres, 2002).

### *1.1. FATORES QUE MOLDAM O SUCESSO ACADÉMICO*

Como referido anteriormente, a educação desempenha um papel crucial no desenvolvimento de uma sociedade, sendo um dos pilares essenciais para o progresso económico, social e cultural. Por outras palavras, a educação não só contribui para o crescimento individual, mas, fortalece, igualmente o sentido de comunidade promovendo a igualdade e o bem-estar geral.

Importa sublinhar que o percurso dos jovens é moldado por uma multiplicidade de fatores tanto pessoais como contextuais, que decorrem das interações que estabelecem nos diferentes espaços sociais onde se movem. Estas realidades evidenciam a interdependência entre riscos de natureza distintas, nomeadamente de natureza familiar, social e institucional, para além dos desafios individuais que cada jovem enfrenta enquanto estudante internacional (Savvides et al2021) Tal como salientado na investigação sobre este domínio, estas circunstâncias e desafios estão intimamente ligados às perspetivas que os jovens constroem para o seu futuro, tanto no trabalho como na vida pessoal (Milhano, Cadima & Olmos Ruéde, 2023) Contudo, é reconhecido que nem todos se sentem apoiados ou valorizados no seio da família, instituição de ensino superior ou no relacionamento com os pares, o que fragiliza a sua motivação para permanecer no sistema educativo e alcançar as suas aspirações pessoais, académicos e profissionais. Do mesmo modo, nem todos desenvolvem um sentido de pertença em relação à escola, nem estabelecem objetivos de vida suficientemente claros que lhes sustentam a perseverança necessária para concluir os seus percursos académicos. Esta ausência de referências sólidas aumenta o risco de desmotivação e, em última instância, de abandono dos seus percursos académicos (Mangas, Lopes, Milhano & Freire, 2023)

Apesar disso, o sucesso académico entre os estudantes universitários é impulsionado por inúmeros fatores que extravasam as noções tradicionais de inteligência ou aquisição de conhecimento (Freire, 1987). Ou seja, entender os fatores que contribuem para o desempenho académico tornou-se uma questão cada vez mais premente, uma vez que os estudantes enfrentam variadíssimos desafios, oportunidades e estruturas de apoio que influenciam o seu percurso.

Assim sendo, o sucesso acadêmico não se resume apenas à sala de aula, é influenciado por fatores socioeconômicos, culturais e institucionais que moldam a experiência dos mesmos (ADIPSIEDUC, 2024). Por outras palavras, o desempenho acadêmico resulta de uma interação complexa entre diferentes fatores, na medida que envolve fenômenos complexos e multifacetados, a sua compreensão pressupõe um olhar integrado e holístico (Milhano, Cadima, Olmos & Ruéda, 2023)

A este propósito, Walberg e Welch (1986) defendem que existem nove fatores elementares que influenciam os resultados da aprendizagem, nomeadamente: a aptidão e o sucesso prévio dos alunos, a motivação, a idade e o estágio de desenvolvimento, a quantidade e qualidade do ensino, o ambiente da sala de aula, o ambiente familiar, o grupo de pares e a exposição à mídia fora da sala de aula. Outros estudos têm se focado na conceituação e desenvolvimento de teorias de aprendizagem (Casanova et al., 2018; Deci, & Ryan, 2000). Apesar disso, diferentes estudos revelam a importância dos aspetos psicossociais dos ambientes de aprendizagem na previsão do crescimento dos estudantes. Traços psicológicos, como o desempenho geral, o autoconceito, as atitudes, os comportamentos e a motivação intrínseca, são essenciais na avaliação do currículo e podem fornecer informações valiosas para ajudar os docentes a criar ambientes de aprendizagem mais eficazes.

Nesta ótica, o sucesso acadêmico é influenciado por diversos fatores que podem ser classificados em várias dimensões, como pessoais, sociais, familiares, institucionais e estruturais (Adeyemi & Adeyemi, 2014; Considine & Zappala, 2002; Graetz, 1995; Lu et al., 2019; Pekrun, 2006; Perret-Clermont & Carugati, 2001; Wimshurst et al., 2006).

### 1. Fatores Pessoais

Os fatores pessoais estão relacionados às características individuais do aluno, que influenciam diretamente o seu desempenho acadêmico (Alves, E., & Iorio, J. 2021).

- **Motivação:** A motivação intrínseca, ou seja, o desejo interno de aprender e alcançar objetivos, é fundamental para o sucesso acadêmico. Estudantes motivados têm mais disposição para estudar, persistir diante das dificuldades e procurar constantemente o aperfeiçoamento.

- **Autodisciplina:** A capacidade de organizar o tempo, definir prioridades e manter o foco nas tarefas é um fator essencial para o sucesso acadêmico. A autodisciplina ajuda a evitar distrações e permite que os estudantes consigam cumprir prazos e realizar atividades de forma eficaz.
- **Gestão do tempo:** Saber gerir o tempo de forma eficaz, equilibrando estudos, lazer e outras responsabilidades, é um fator crucial para o sucesso acadêmico. Estudantes que desenvolvem boas habilidades de organização têm mais facilidade em manter o ritmo de estudo e alcançar bons resultados.
- **Saúde mental e emocional:** O bem-estar psicológico também influencia o desempenho acadêmico. Alunos com boas condições emocionais e que lidam bem com o stress tendem a ter um desempenho superior.

## 2. Fatores Sociais

Os fatores sociais referem-se ao contexto em que o estudante está inserido e às interações sociais que podem impactar no seu rendimento escolar (Cá, W. 2015).

- **Rede de apoio social:** Ter amigos, mentores ou grupos de apoio pode ser determinante para o sucesso acadêmico. O apoio social oferece estímulo, troca de ideias e soluções para problemas acadêmicos.
- **Influências culturais e sociais:** O contexto cultural e social de um estudante pode afetar as suas atitudes em relação à educação. Um ambiente social que valoriza a educação e incentiva a aprendizagem pode criar uma motivação adicional para o estudante.
- **Interações com colegas:** A interação com outros estudantes, seja para estudo em grupo, atividades extracurriculares ou apoio mútuo, também pode contribuir para o sucesso acadêmico. Essas interações promovem a troca de conhecimentos e experiências, ajudando o estudante a superar as dificuldades.

## 2. Fatores Familiares

3. Os fatores familiares têm um papel significativo no desenvolvimento e na trajetória acadêmica do estudante. A forma como a família se envolve na vida educacional pode ser determinante (Cá, W. 2015).

- Apoio emocional e psicológico: O suporte emocional da família é essencial para que o estudante enfrente desafios acadêmicos e pessoais. Uma família que demonstra compreensão e apoio pode ajudar o aluno a manter-se motivado e focado.
- Expectativas familiares: Também as expectativas da família em relação ao desempenho acadêmico têm impacto no percurso do estudante. Famílias que incentivam o sucesso acadêmico e possuem altas expectativas podem motivar os estudantes a se esforçarem mais. Contudo, quando as expectativas são excessivas, pode torna-se numa pressão negativa.
- Nível educacional dos pais: O grau de escolaridade dos pais pode influenciar diretamente o sucesso acadêmico dos filhos. Pais com maior nível educacional tendem a valorizar mais a educação e a oferecer mais suporte na realização de tarefas acadêmicas.
- Estabilidade familiar e recursos: Famílias que têm uma estrutura estável e acesso a recursos materiais e financeiros tendem a oferecer melhores condições para o estudo e o desenvolvimento acadêmico dos filhos.

## 4. Fatores Institucionais

Os fatores institucionais referem-se às condições oferecidas pela instituição de ensino para o desenvolvimento dos alunos (Brito, V. 2009)

- Qualidade do ensino: A competência e a qualificação dos professores, bem como a qualidade do currículo e das metodologias de ensino, são fatores determinantes para o sucesso acadêmico. Instituições que oferecem um ensino de alta qualidade estimulam a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.
- Infraestrutura e recursos: A disponibilização de recursos adequados, como bibliotecas, laboratórios, tecnologias educacionais e materiais de apoio, facilita a aprendizagem e contribui para o bom desempenho dos estudantes.

- Apoio pedagógico e psicológico: O suporte oferecido pela instituição, como orientação pedagógica, tutoria e apoio psicológico, ajuda os alunos a lidar com dificuldades e a otimizar a sua aprendizagem.
- Ambiente escolar: O ambiente escolar também tem grande influência no desempenho académico. Instituições que promovem um ambiente de respeito, inclusão e colaboração favorecem o desenvolvimento de valores positivos dos estudantes.

## 5. Fatores Estruturais

Os fatores estruturais estão ligados às condições mais amplas da sociedade e da estrutura educacional do país, como políticas públicas, infraestrutura e organização do sistema educacional (Glass, C., & Westmont, C. 2014).

- Acesso à educação: O acesso a uma educação de qualidade desde a infância até o ensino superior é crucial para o sucesso académico. A oferta de escolas públicas de qualidade e a eliminação das barreiras de acesso à educação (como questões económicas ou geográficas) são fundamentais para garantir oportunidades iguais a todos os estudantes.
- Políticas públicas de educação: Políticas educacionais que incentivem a formação contínua dos professores, a inclusão de tecnologias no ensino e o acesso à educação para todos são determinantes para melhorar o sucesso académico.
- Desigualdades socioeconómicas: Em muitos contextos, as desigualdades socioeconómicas podem impactar o sucesso académico. Estudantes de famílias com menos poder económico podem enfrentar desafios, como a falta de recursos para materiais escolares ou a necessidade dos estudantes trabalharem durante o percurso escolar, o que pode afetar o seu rendimento.
- Tecnologia e inovação no ensino: O uso de tecnologia no ensino tornaram-se cada vez mais importante. Ferramentas digitais e recursos tecnológicos podem facilitar a aprendizagem e oferecer novas formas de ensino e avaliação, contribuindo para o sucesso académico.

Em suma, o sucesso académico é multifacetado e depende da interação entre fatores pessoais, sociais, familiares, institucionais e estruturais. Cada um desses fatores pode

influenciar de maneira significativa o desempenho dos estudantes. Assim, só uma abordagem integrada a estes elementos permite garantir uma educação de qualidade e o sucesso dos estudantes. Neste estudo pretende-se compreender que fatores são percebidos como preponderantes na perspetiva dos estudantes guineenses a estudar numa instituição de ensino superior em Portugal. De acordo com a revisão da literatura só uma abordagem integrada a estes elementos permite garantir uma educação de qualidade e o sucesso dos estudantes.

### *3.1. FATORES QUE MOLDAM O SUCESSO ACADÉMICO DOS ESTUDANTES DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA (PALOP), NOMEADAMENTE DA GUINÉ-BISSAU*

Os estudantes internacionais enfrentam vários desafios ao tentarem alcançar o sucesso académico, especialmente quando se mudam para um país estrangeiro com um sistema educativo e uma cultura diferente. No caso dos estudantes dos PALOP e, particularmente dos estudantes guineenses, em Portugal, o seu sucesso pode ser influenciado por uma série de fatores que tal como expresso, envolvem aspetos individuais, sociais e institucionais (Cá, W. 2015). Alguns dos quais com risco agravado tendo em conta que perspetivam realizar os seus estudos do ensino superior num outro país.

#### 1. Apoio Familiar e Social

O suporte da família, tanto emocional quanto financeiro, é crucial para o bom desempenho académico dos estudantes. No entanto, muitas vezes, enfrentam dificuldades económicas, o que pode afetar diretamente a capacidade de se dedicarem aos estudos (CÁ, 2015). Além disso, o apoio emocional da família e da comunidade tem um grande impacto na motivação e na resiliência dos mesmos (Doutor 2024).

#### 2. Integração cultural

A adaptação à cultura portuguesa pode representar um desafio significativo, dado que os estudantes estrangeiros e os guineenses, em particular, muitas vezes enfrentam diferenças em termos da língua, costumes e no ambiente escolar. Este

processo de integração pode afetar a sua adaptação ao sistema educativo e a interação com colegas e professores. A barreira linguística, por exemplo, é um obstáculo comum, pois, apesar de o português ser a língua oficial da Guiné-Bissau, o sotaque e as variantes linguísticas podem ser diferentes, dificultando a compreensão nas aulas e a comunicação em contexto escolar (Jaló, 2019). A dificuldade do domínio do português europeu, pode afetar o desempenho académico, uma vez que, muitos conteúdos são baseados numa linguagem formal e técnica. Isso pode contribuir para desmotivação, diminuição da confiança e, até, abandono escolar em casos extremos (Pires, 2000).

### 3. Aspetos Psicológicos

Estudantes emigrantes podem enfrentar altos níveis de stress devido à adaptação a um novo país, há língua e ao sistema educativo. Estratégias de gestão de stress, como técnicas de relaxamento, apoio psicológico e um estilo de vida equilibrado, são fundamentais para manter o bem-estar e o foco nos estudos. Acresce a isto, que o choque cultural pode gerar sentimentos de desconforto e solidão. Ter recursos para lidar com estas questões psicológicas, como o apoio de grupos de emigrantes ou serviços de aconselhamento psicológico, pode ser crucial para o sucesso académico (Pekrun, 2006).

### 4. Adaptação ao Sistema Educacional e cultural

A adaptação ao sistema educativo português pode ser difícil para os estudantes guineenses e de outros PALOP. Embora o sistema educativo, em Portugal, tenha algumas semelhanças com o de outros países lusófonos, existem diferenças importantes nas metodologias de ensino, nas exigências académicas e na gestão do tempo. Muitos estudantes chegam ao ensino superior sem a preparação necessária para enfrentar as exigências rigorosas das universidades portuguesas, como a realização de trabalhos académicos, a redação de dissertações e a preparação para exames (Pires, 2000).

Além disso, a adaptação cultural também desempenha um papel crucial. O ambiente social e cultural, em Portugal, pode ser muito diferente do que os estudantes estão acostumados, no seu país de origem, criando estado de isolamento e desconforto. A falta de apoio social e emocional, especialmente no início da vida universitária, pode agravar sentimentos como a dificuldade de se integrarem e se adaptarem ao novo contexto (Hailu & Ku, 2014).

## 5. Discriminação e Racismo

Os estudantes guineenses e de outros PALOP frequentemente enfrentam discriminação racial no ambiente acadêmico, seja entre os seus pares, seja por parte dos professores. O racismo, os preconceitos e os estereótipos negativos sobre as origens africanas podem, eventualmente, contribuir para que os estudantes se sintam excluídos ou desvalorizados. Este ambiente hostil pode afetar a autoestima e motivação para estudarem, além de criar uma barreira para a integração social e acadêmica (Glass & Westmont 2014).

A discriminação racial, também, pode manifestar-se de formas mais subtis, como em oportunidades de participação nas aulas, na forma como são avaliados ou a acessos a estágios e oportunidades profissionais. Tudo isso pode reduzir as chances de sucesso acadêmico e de inserção no mercado de trabalho.

## 6. Acesso a recursos educacionais adequados

O acesso a recursos educacionais adequados, como livros, computadores e internet, é um fator determinante para o sucesso acadêmico. Em algumas comunidades guineenses, em Portugal, pode haver limitações de recursos que dificultam o desempenho escolar, tornando os estudantes mais vulneráveis às dificuldades acadêmicas. De acordo com a maioria dos estudos, os estudantes emigrantes podem precisar de recursos adicionais para compensar a falta de uma base educacional anterior à chegada a Portugal (Glass & Westmont, 2014)..

Além disso, participar de atividades extracurriculares, como grupos de estudo, clubes ou cursos de aprimoramento, pode ajudar os estudantes a melhorar as suas habilidades e aumentar o seu envolvimento acadêmico (Brito, 2009).

## 7. Desigualdade no Acesso à Educação Superior

Embora o acesso ao ensino superior em Portugal seja teoricamente e juridicamente garantido para todos, na prática os estudantes dos PALOP enfrentam desigualdades no processo de acesso. Muitas vezes, os estudantes guineenses e outros estudantes imigrantes não têm o mesmo acesso às informações sobre bolsas de estudo, oportunidades de estágios ou outras formas de apoio financeiro e acadêmico. Essa desigualdade no acesso a recursos pode comprometer as suas oportunidades de frequentarem o ensino superior ou de concluírem os estudos (Cá, 2015).

## 8. Motivação e Resiliência Pessoal

Os estudantes emigrantes, geralmente, precisam de uma grande dose de resiliência para superar desafios, como a saudade de casa, o choque cultural ou dificuldades financeiras (Hailu & Ku, 2014). A motivação para alcançar objetivos acadêmicos pode ser um fator de superação desses obstáculos, especialmente se houver uma visão clara sobre os benefícios do sucesso acadêmico para o futuro. Ou seja, ter objetivos claros, como a melhoria da qualidade de vida ou a obtenção de melhores oportunidades profissionais, pode aumentar a motivação e a perseverança, dos emigrantes, na procura do sucesso acadêmico (Alves & Iorio, 2021).

## 9. Apoio Institucional

Muitas escolas e universidades oferecem programas de apoio específicos para estudantes emigrantes, como tutorias, aulas de língua, aconselhamento psicopedagógico e orientação acerca do sistema educacional português. Aproveitar esses recursos pode ser um grande facilitador do sucesso acadêmico. Da mesma forma, um ambiente de aprendizagem inclusivo, na sala de aula pode ajudar no desenvolvimento acadêmico dos mesmos. Neste caso o Instituto Politécnico de Leiria conta o Centro de apoio ao estudante que está comprometido a desenvolver todos os esforços para garantir o apoio psicopedagógico e psicológico, orientação vocacional e acompanhamento pessoal e social dos estudantes do Politécnico de Leiria, fundamentais para alcançar o sucesso acadêmico, entre os quais temos o exemplo de (Buddy Internacional), este programa visa apoiar os estudantes estrangeiros no seu primeiro contato com o país, a cidade e a instituição. Destaca-se outro programa o Seminário de Saúde mental que tem como objetivo apoiar o estudante e promover a literacia em saúde mental junto da comunidade estudantil do politécnico de Leiria.

## 10. Equilíbrio entre Estudo e Trabalho

Muitos alunos, especialmente aqueles que têm que trabalhar enquanto estudam, enfrentam o desafio de equilibrar as suas responsabilidades profissionais com suas tarefas académicas. A capacidade de organizar o tempo de maneira eficaz é essencial para garantir que o trabalho não prejudique o rendimento académico (Cá, 2015; Hailu & Ku, 2014).

## 11. Dificuldades Económicas

A questão económica é uma das questões mais problemáticas para muitos estudantes de PALOP e Timor, incluindo os guineenses. Muitos destes estudantes não possuem apoio financeiro suficiente para cobrir as despesas básicas associadas ao ensino superior, como propinas, livros, transporte e alimentação. Esse problema é ainda mais grave quando os estudantes vêm de famílias com poucos recursos e não conseguem beneficiar de bolsas de estudo ou de apoio governamental suficiente (Hailu & Ku, 2014; Pires, 2000).

A pressão económica pode forçar os estudantes a trabalhar em empregos paralelos para se sustentarem o que pode afetar o tempo e a qualidade do seu estudo. Além disso, o stress financeiro pode afetar a saúde mental dos estudantes, contribuindo para sentimentos de ansiedade e frustração, o que prejudica ainda mais o seu desempenho académico (Pekrun, 2006).

## 12. Infraestrutura e Condições de Estudo

A facilidade de acesso à instituição de ensino e a disponibilidade de transporte adequado são fatores práticos que podem influenciar o sucesso académico dos emigrantes. Problemas de transporte ou distâncias podem levar à falta de frequência ou ao cansaço excessivo, afetando o desempenho.

Em suma, o sucesso académico dos emigrantes depende de uma combinação de fatores pessoais, sociais, culturais e institucionais. Superar barreiras linguísticas, culturais e financeiras exige resiliência, apoio familiar e comunitário, bem como uma adaptação ao sistema educacional. Além disso, o apoio institucional, programas de integração e uma gestão eficaz do tempo e recursos são fundamentais para ajudar os emigrantes a alcançar o sucesso académico e aproveitar as oportunidades que a educação pode oferecer (Cá, 2015; Hailu & Ku, 2014).

#### 4. EVOLUÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO GUINEENSE

A história da educação na Guiné-Bissau está intrinsecamente ligada à sua trajetória histórica, desde a época colonial até à atualidade. Desde a sua independência em 1974, o sistema educativo tem enfrentado vários desafios, entre eles a falta de recursos, a instabilidade política e os efeitos de um contexto pós-colonial adverso (Monteiro, 2005).

A educação é amplamente reconhecida como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de qualquer nação, no caso da Guiné-Bissau, não é exceção. Ao longo das últimas décadas, o país tem desenvolvido esforços contínuos para modernizar e expandir o seu sistema educativo, embora continue a enfrentar obstáculos significativos que dificultam um progresso mais célere (Monteiro, 2005)

Durante o período colonial, a educação na Guiné-Bissau foi baseada num sistema que servia, sobretudo, os interesses do império português, não priorizando o bem-estar da população local. Como afirma Sané (2018, s/p) “O carácter elitista e seletivo do ensino colonial teve um efeito negativo e deplorável em nível de alfabetização da população guineense e para o desenvolvimento do país, o que favoreceu grandes movimentos pela libertação”.

Ou seja, a educação restringiu-se a uma pequena parte da sociedade, sendo a maioria dos guineenses excluídos de aceder ao ensino. Com a independência, o novo governo da Guiné-Bissau procurou reformar o sistema educativo, visando uma educação mais inclusiva, que atendesse às necessidades do país e da sua população. As reformas educacionais pós-independência tiveram um papel crucial na edificação da Guiné-Bissau como nação, procurando adotar políticas educacionais com as realidades e culturas guineenses (UNESCO, 1986).

No entanto, a transição para um sistema educacional independente foi difícil, sobretudo, devido à escassez de recursos humanos e materiais. O elevado índice de analfabetismo, que chegava aos 90%, tornou a alfabetização uma prioridade, com programas de educação para adultos para combater o analfabetismo (Monteiro, 2005). A este propósito Monteiro (2025, p. 46) refere “(...) a taxa de analfabetismo passa de 90% para 68%, uma redução de mais de 20 pontos percentuais, o que se traduz, em termos

factuais, em várias dezenas de milhar de jovens e de adultos que puderam beneficiar do acesso à instrução”.

Consequentemente, a guerra civil, afetou, igualmente a implementação de políticas educacionais e, simultaneamente destruiu muitas infraestruturas escolares. No entanto, as reformas continuaram, com um novo sistema de ensino focado na educação básica e no ensino técnico, com o objetivo de democratizar o acesso à educação (Monteiro, 2005).

A partir do ano 1990, algumas organizações, nomeadamente a UNESCO e a UNICEF ajudaram a Guiné-Bissau a implementar reformas, com ênfase na educação básica universal e na melhoria da qualidade do ensino. A formação de professores e o apoio de instituições privadas contribuíram para a sua expansão (Silva & Oliveira, 2020). A cooperação internacional, nomeadamente de Portugal, foi fundamental para superar barreiras, construindo escolas e promovendo a educação em áreas rurais.

#### A Educação no Período Colonial

O período colonial em que a Guiné-Bissau esteve sob domínio de Portugal deixou marcas profundas no sistema educacional do país. A educação foi estruturalmente desigual e limitada, com um claro favorecimento das elites coloniais e uma exclusão sistemática das populações nativas. Isto é, o sistema educativo colonial tinha como principal objetivo formar uma pequena classe dirigente que servisse os interesses da metrópole, e não o desenvolvimento da população local (Sané, 2018).

Além disso, o sistema educativo colonial era rigidamente controlado pela Igreja Católica e pelo Estado português. A educação era oferecida de forma segregada, com escolas distintas para os filhos de colonos e para os filhos dos guineenses. As poucas escolas públicas existentes eram, extremamente, limitadas e praticamente inexistentes para a maioria da população nativa. Apenas uma pequena elite tinha acesso à educação secundária e o número de guineenses formados em instituições de ensino superior era mínimo.

A este propósito Davison (1975, p. 26) refere “(...) a estrutura educacional montada pelos portugueses não foi mesmo criada para os guineenses terem acesso. Quando muito, 1% de toda população podia contentar-se em possuir alguma educação

elementar; porém, só 0,3% tinha chegado à situação de assimilado e podia esperar ir um pouco mais além. Havia apenas uma escola secundária oficial, mas cerca de 60% dos alunos que aí estudavam eram europeus. Não existia qualquer tipo de educação superior”. Em 1960, apenas 11 guineenses tinham obtido uma licenciatura em Portugal e todos eles como “portugueses assimilados” (Basil, 1975)

O ensino era em português, e as línguas locais, como o crioulo e as línguas nativas, não eram ensinadas nas escolas. Isso fez com que a educação fosse inacessível para a maioria da população, que não tinha fluência no português. A este propósito Ocuni Cá (2000, p. 7) refere “O crioulo, língua veicular do povo guineense era proibida nas escolas e desprezada pelos portugueses. As tradições eram consideradas como manifestações selvagens”

O currículo escolar era voltado para a formação de trabalhadores para as necessidades coloniais e a reprodução de uma estrutura social que favorecia a metrópole portuguesa. Ou seja, a segregação educacional durante o período colonial teve consequências duradouras, que se refletem até hoje na distribuição desigual de acesso e qualidade na educação na Guiné-Bissau.

### A Educação Pós-Colonial

Após a independência, em 1974, a Guiné-Bissau procurou superar as lacunas deixadas pelo sistema colonial, com o objetivo de democratizar o acesso à educação e promover um sistema mais inclusivo. O país enfrentava uma série de desafios, incluindo a falta de infraestruturas adequadas, a escassez de recursos financeiros e uma população predominantemente analfabeta. Apesar dessas dificuldades, o governo guineense fez esforços significativos para expandir o sistema educativo e promover uma educação mais adequada à realidade do país.

Sané (2018, s/p.) afirma “a conquista da independência o governo guineense iniciou uma série de medidas tendentes a reformar o sistema de ensino, para, em primeiro plano, erradicar o sistema colonial de ensino centrado nos meios urbanos, estranho, alienante, autoritário, discriminatório e elitista, para dar lugar a um novo sistema de ensino agora nacional, estruturado nas experiências vividas durante a luta de libertação nacional, onde a escola era combinada com o trabalho produtivo e com as condições de vida”.

Apesar desse esforço, o governo da Guiné-Bissau, após a independência enfrentou vários desafios, sendo o principal alfabetizar a população, que, na sua maioria, nunca tinha tido acesso à educação formal, como referido anteriormente.

Além disso, implementou programas de alfabetização em massa e tentou integrar as línguas locais no currículo escolar. Em suma, assentava nos seguintes pontos: “1º Reforma do ensino, desenvolvimento do ensino secundário e técnico, criação do ensino universitário e de institutos científicos e técnicos; 2º Liquidação rápida do analfabetismo. Instrução primária obrigatória e gratuita. Formação e aperfeiçoamento urgente de quadros técnicos e profissionais; 3º Liquidação total dos complexos criados pelo colonialismo, das consequências da cultura e exploração colonialistas; 4º Na Guiné, desenvolvimento das línguas nativas e do dialeto crioulo, com criação da escrita para essas línguas. (...) Proteção e desenvolvimento da literatura e das artes nacionais; 5. Aproveitamento de todos os valores e conquistas da cultura humana e universal ao serviço dos povos da Guiné e Cabo Verde. Contribuição da cultura (Sané, 2018, s/p).

Apesar disso, as dificuldades financeiras e a instabilidade política limitaram as ambições do novo sistema educativo. As guerras civis e os conflitos internos afetaram, igualmente, o sistema educacional o que resultou na destruição de muitas infraestruturas escolares, na interrupção do processo de ensino-aprendizagem e em barreiras significativas na melhoria de educar e qualificar os guineenses (Bedeta, 2013).

#### O Panorama Atual do Ensino Superior na Guiné-Bissau

O ensino superior na Guiné-Bissau enfrenta, ainda, muitos desafios, mas tem mostrado sinais de progresso. O país tem algumas instituições de ensino superior, como a Universidade Amílcar Cabral, contudo, os estabelecimentos de ensino enfrentam grandes dificuldades, incluindo a falta de financiamento adequado, de infraestruturas e de professores qualificados.

A este propósito vários autores defendem “(...) dada esta situação, o governo precisa melhorar o seu mecanismo de aplicação de recurso e ampliar a quantidade de recurso interno para investir nos setores chaves da produção como educação por meio de financiamento de projetos de pesquisas e de capacitação, tendo em conta que o setor educativo tem um potencial forte para trazer retorno financeiro para o governo e melhorar os indicadores sociais” (Sucuma, 2002, p. 26). Da mesma forma “é necessário

continuar a apostar fortemente na formação de professores, considerando as reduzidas taxas de escolarização em todos os níveis educativos” (Cabrito, & Cardoso., 2022, p. 33). Uma boa qualificação dos professores coadjuva a mobilidade interuniversitária, fundamental para a integração regional.

Além disso, o absentismo docente continua elevado. Por outro lado, as políticas de acesso universal à educação não foram devidamente acompanhadas pelo fortalecimento dos recursos e pela construção de infraestruturas, o que resulta num rácio professor/aluno na região subsaariana de 1/40, o mais elevado a nível mundial (UNESCO, 2014 cit. in Sucuma, 2002).

Acresce a isto, que o número de estudantes no ensino superior é relativamente baixo e a qualidade do ensino é, ainda, uma preocupação (Sucuma, 2002).

Por outras palavras, o ensino no geral, na Guiné-Bissau, mas sobretudo o ensino superior, manifestamente têm falta de recursos financeiros. As universidades têm um número limitado de cursos e programas de pós-graduação, o que restringe as opções de educação superior para os estudantes do país. Além disso, têm dificuldade em oferecer cursos de qualidade, uma vez que a maioria dos programas de ensino superior depende fortemente de financiamento externo e de doações internacionais.

Como refere Bedeta (2013, p. 86) “o Estado deve assumir o seu papel na implementação do ensino superior, e utilizar os fundos públicos como meio de financiamento para estimular a formação e a investigação, apesar dos poucos recursos e outros constrangimentos derivados da instabilidade política as populações mais desfavorecidas”.

Por outro lado, embora existam algumas parcerias com instituições de ensino superior de outros países africanos e europeus, nomeadamente Portugal (Bedeta, 2013) a internacionalização das universidades guineenses também tem sido um desafio constante. Apesar desses desafios, há um crescente interesse em melhorar o ensino superior e aumentar as oportunidades de acesso a ele, especialmente para os mais desfavorecidos.

Apesar das dificuldades, existem sinais de que o ensino superior na Guiné-Bissau pode evoluir, especialmente com a crescente globalização da educação superior. A

cooperação internacional, a parceria com universidades africanas e europeias e a integração de novas tecnologias no ensino, podem ser fatores importantes para a modernização das instituições de ensino superior no país (Sucuma, 2002).

Em suma, a educação na Guiné-Bissau tem evoluído ao longo das últimas décadas, mas, ainda, enfrenta inúmeros desafios. O país necessita de mais investimentos em infraestruturas escolares, apostar na formação de professores e desenvolver políticas educacionais que garantam uma educação de qualidade para todos. O sistema de ensino superior, embora ainda limitado, tem grande potencial de crescimento, especialmente se forem feitas reformas que atendam às necessidades do mercado de trabalho e à exigência de mais formação técnica e científica.

Para os estudantes da Guiné-Bissau, ingressar no ensino superior em Portugal pode representar não apenas uma oportunidade acadêmica, mas também um percurso exigente de adaptação. O sistema educativo português tem sido marcado por reformas recentes que privilegiam a flexibilidade curricular, a personalização do ensino, a inclusão e a integração de tecnologias digitais e de inteligência artificial (Milhano et al. 2023; Cadima et al., 2024). Estas transformações, que exigem autonomia na aprendizagem, competências digitais e capacidade crítica, podem colocar dificuldades adicionais a jovens oriundos de contextos educativos mais frágeis, onde persistem desigualdades estruturais e menor acesso a recursos tecnológicos. A distância entre estas realidades evidencia a necessidade de apoios específicos em várias dimensões para que estes estudantes possam beneficiar plenamente das oportunidades de estudo em Portugal e superar as barreiras que decorrem da discrepância entre os dois sistemas educativos.

A cooperação internacional e o uso de novas tecnologias educacionais podem desempenhar um papel importante no fortalecimento do sistema educativo da Guiné-Bissau, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino e para o desenvolvimento de uma educação mais acessível e, conseqüentemente mais inclusiva (Monteiro, 2005).

## METODOLOGIA

Num projeto científico, a escolha da metodologia é um dos elementos fundamentais para a elaboração do texto final e, conseqüentemente para a qualidade do estudo (Aires, 2015). Este estudo conta com seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Conhecer os fatores percebidos como essenciais pelos estudantes internacionais da Guiné-Bissau que estudam no Instituto Politécnico de Leiria para o seu sucesso académico.

Objetivos específicos:

- Conhecer as conquistas dos estudantes internacionais da Guiné-Bissau que ingressaram no ensino superior, no Instituto Politécnico de Leiria. Procura-se especificar as conquistas alcançadas no acesso, ingresso e permanência dos estudantes no ensino superior e descrever como são percebidas estas conquistas.
- Conhecer os desafios dos estudantes internacionais da Guiné-Bissau que ingressaram no ensino superior, no Instituto Politécnico de Leiria. Procura-se especificar os desafios sentidos no acesso, ingresso e permanência dos estudantes no ensino superior e descrever como são percebidos esses desafios.
- Conhecer as perspectivas dos estudantes da Guiné-Bissau sobre as estratégias que consideram mais relevantes para o seu percurso académico. Procura-se especificar os fatores pessoais, familiares, sociais, institucionais e estruturais promotores do seu sucesso no ensino superior em Portugal, descrever como esses fatores são percebidos pelos estudantes.

Tendo em conta a problemática enunciada e os objetivos deste estudo, considera-se que conhecer as perspectivas dos estudantes guineenses a estudar em Portugal é essencial no "delinear das possibilidades de resposta às suas necessidades, de modo que se encontrem as condições para completarem com o sucesso, sentido e significado, os seus percursos" académicos (Milhano, Cadima & Olmos Ruéda, 2023, 128).

Esta investigação teve como suporte a abordagem qualitativa. De acordo com que Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa caracteriza-se pela recolha de dados e o modo como estes são analisados, ou seja, pretende obter dados ricos e descritivos sobre pessoas, lugares e eventos, sem a necessidade de operacionalizar variáveis. Neste estudo os dados são recolhidos através das entrevistas qualitativas aos estudantes da Guiné-Bissau a estudar no Instituto Politécnico de Leiria. Esta abordagem procura compreender os fenómenos na sua complexidade e no seu contexto natural, privilegiando a perspectiva dos participantes. O fenómeno em estudo refere-se ao sucesso académico que é um fenómeno complexo multifacetado que precisa de uma abordagem holística. Ao contrário da investigação quantitativa, o objetivo não é testar hipóteses, mas sim, compreender os comportamentos experienciados e/ou vividos pelos indivíduos. Por outras palavras, pretende, compreender, em vez de mesurar e, procura perceber, a realidade dos indivíduos ou grupos, tendo como ponto de partida e forma de pensarem e de agirem (Carmo & Ferreira, 2008).

Godoy (1995, p. 21) refere “a investigação dita qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenómenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”, o que é manifestamente o objeto do nosso estudo, assumindo-se de diferentes formas, nomeadamente, como estudo de caso (Ludke & André, 1986).

Merriam (1988), define o estudo de caso como uma investigação qualitativa que se foca num fenómeno ou contexto específico, é baseada na análise detalhada de uma unidade única, como uma pessoa, grupo, organização ou evento. A autora, destaca, ainda que o estudo de caso é usado principalmente para explorar e compreender fenómenos complexos no seu contexto natural e apresenta algumas características, entre elas: a) Foco no contexto: centra-se no entendimento do fenómeno no seu contexto real, ou seja, como ele ocorre e se desenvolve num ambiente específico; b) Exploração de múltiplas fontes de dados: deve utilizar várias de fontes de dados, como entrevistas, observações, documentos e artefactos, de modo a obter uma visão abrangente do caso; c) Análise interpretativa: a interpretação dos dados é essencial, de modo a que o investigador compreenda o significado e as dinâmicas do estudado, mais do que estabelecer generalizações; d) Abordagem holística: a análise procura captar a complexidade e a totalidade do caso, tendo em consideração as múltiplas variáveis que podem influenciar o fenómeno investigado.

Da mesma forma, Fonseca e Neto (2006) defendem que o estudo de caso qualitativo procura entender o "como" e o "porquê" de uma situação única, evidenciando a sua identidade e características próprias.

Yin (2005) aponta três situações em que o estudo de caso é particularmente relevante: quando se deseja testar uma teoria, quando se observa um fato novo e exclusivo, ou quando o caso é revelador e ainda desconhecido. Perante isto, consideramos que esta abordagem reforça a riqueza e o rigor na compreensão do objeto de estudo.

### Instrumento

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005, p. 191, 192), a entrevista é uma técnica onde se aplicam “processos fundamentais de comunicação e de interação humana” que permite ao investigador retirar das suas entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.

Da mesma forma, Marconi e Lakatos (1990), defendem que esta técnica fomenta uma comunicação rica e aberta, em que o entrevistado tem a liberdade de direcionar a discussão de acordo com a sua percepção dos temas, mas sempre com a possibilidade do entrevistador intervir, se necessário, de forma a garantir os objetivos da pesquisa.

As entrevistas são um modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objetivo de recolher dados relativos às questões de investigação formuladas, ou seja, pretende alcançar, sobretudo, três objetivos: 1) Serve de método exploratório para examinar conceitos, relações entre as variáveis e conceber hipóteses; 2) Serve de instrumento principal de medida de uma investigação; 3) Serve de complemento a outros métodos (Fortin, 2006).

Neste sentido em relação ao grau de estruturação, optamos pela realização da entrevista semiestruturada dado que a “flexibilidade e fraca diretividade permitem recolher os testemunhos e interpretações” (Quivy, & Campenhoudt, 2005, p. 22) e a formular a sequência das questões que não são predeterminadas, mas deixadas à livre disposição do entrevistador que pretende compreender o significado dado a um acontecimento ou a um fenómeno na perspetiva dos participantes (Fortin, 2006).

A entrevista semiestruturada, deve, porém, obedecer a determinadas características, nomeadamente, o entrevistador deve conhecer e seguir o plano geral, equilibrando, desta forma a flexibilidade do discurso com o plano inicial.

A maioria dos estudos evidenciam os principais fatores que podem influenciar a entrevista, nomeadamente: a) O ambiente: o local onde decorre a entrevista deve ser confortável e silencioso; b) Preparação do entrevistado: o entrevistado deve ser informado sobre a duração, a entidade responsável e os objetivos da entrevista; c) Fatores do entrevistado: a cultura, o domínio do tema, a memória e a motivação influenciam as respostas; d) Fatores do entrevistador: o entrevistador deve ser cultural e intelectualmente adequado, ser conhecedor do tema e motivador; e) Linguagem: deve ser clara e acessível, adaptada ao nível de escolaridade do entrevistado (Fernandes, 1991, Fonseca, Cruz & Neto, 2014).

Derivado as várias circunstâncias as entrevistas foram realizadas virtualmente num ambiente propício e adequado onde os entrevistados foram previamente informados sobre o objetivo e a duração da entrevista. Devido as barreiras linguísticas alguns temas foram tratados na língua crioula posteriormente transcritos para a melhor perceção.

Foi construída de entrevista semiestruturada com 9 dimensões, tendo em conta os fatores enunciados na revisão da literatura sobre o sucesso

## 1. GUIÃO DA ENTREVISTA

Tema: “Sucesso Académico no Ensino Superior de Estudantes Guineenses no Politécnico de Leiria”.

Objetivo geral: “Conhecer os fatores percecionados como essenciais pelos estudantes internacionais da Guiné-Bissau que estudam no Instituto Politécnico de Leiria para o seu sucesso académico”.

Tabela 1 - Guião da entrevista

Designação das dimensões	Objetivos específicos	Formulário de questões
1. Apresentação e contextualização	<ul style="list-style-type: none"><li>• Compreender o percurso pessoal, académico e cultural dos estudantes</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Curso que frequenta.</li><li>• Ano curricular.</li></ul>

	<p>guineenses.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber os motivos para escolher o Politécnico de Leiria.</li> <li>• Perceber a sua experiência inicial de adaptação ao ensino superior português.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecimento de ensino que frequenta.</li> <li>• Tempo de permanência em Portugal.</li> <li>• Motivo da vinda para estudar em Portugal.</li> </ul>
2. Desafios económicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as principais dificuldades financeiras enfrentadas pelos estudantes guineenses.</li> <li>• Analisar de que forma estas influenciam o seu desempenho e a sua permanência no ensino superior português.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldades económicas que enfrenta ou enfrentou em Portugal.</li> <li>• Concilia estudo e trabalho.</li> <li>• Porque trabalha.</li> <li>• Como gere a necessidade de conciliar trabalho e estudos.</li> <li>• Já tomou decisões difíceis relativamente ao dinheiro.</li> <li>• Recebe apoio das entidades portuguesas.</li> <li>• Recebe apoio das entidades guineenses.</li> <li>• Considera que a Guiné deve apoiar mais os estudantes que estudam no estrangeiro.</li> </ul>
3. Barreiras linguísticas e académicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar dificuldades com a língua portuguesa europeia.</li> <li>• Explorar dificuldades com os métodos de ensino encontrados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentiu dificuldades com o português europeu.</li> <li>• Descrever o processo de adaptação ao ensino superior português.</li> <li>• Diferenças entre o ensino superior português e guineense.</li> </ul>
4. Discriminação e integração social	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Investigar experiências de exclusão.</li> <li>• Investigar experiências de aceitação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Experimentou ou presenciou situações de discriminação racial ou cultural em Portugal.</li> <li>• Qual o acolhimento dos colegas, dos docentes e da comunidade académica em geral.</li> <li>• Está integrado social e culturalmente em Leiria e em Portugal.</li> </ul>
5. Apoio e redes de suporte	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar o papel do apoio institucional.</li> <li>• Analisar o papel do apoio pessoal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recebeu apoio familiar, social ou institucional após a chegada.</li> <li>• Existe alguma organização, serviço universitário ou grupo importante que o apoia ou lhe serve como rede de suporte.</li> <li>• Quais os apoios que faltam aos estudantes estrangeiros.</li> </ul>
6. Saúde psicológica e pressão académica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar o impacto da pressão académica sobre o aluno.</li> <li>• Avaliar o impacto da adaptação emocional do estudante.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual o impacto psicológico da experiência em Portugal.</li> <li>• Níveis de stress, ansiedade ou cansaço extremo sentidos.</li> <li>• Estratégias utilizadas para cuidar da saúde mental e para manter a motivação.</li> </ul>
7. Fatores psicossociais e resiliência	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar elementos que sustentam a resiliência pessoal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais os traços de personalidade mais relevantes que utiliza para ultrapassar as necessidades.</li> <li>• Perceber algum momento especial ou marcante que lhe aconteceu.</li> <li>• Quais as práticas que utiliza para lhe darem força para continuar.</li> </ul>

8. Perspetivas futuras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender as expectativas e os planos pós-curso.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais são os objetivos futuros académicos e profissionais.</li> <li>• Pretende regressar ao seu país, ficar em Portugal ou procurar outras oportunidades noutros locais.</li> <li>• Que alterações pretendia ver implementadas para facilitar o percurso dos futuros estudantes no ensino superior português.</li> </ul>
9. Mensagem final	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recolher sugestões e mensagens finais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que sugeria a futuros estudantes do seu país que pretendem ingressar no ensino superior em Portugal.</li> <li>• Outras ideias que pretendia ver abordadas no questionário.</li> </ul>

## 2. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

A caracterização dos participantes deste estudo de caso define-se por ser relativamente homogénea quer em relação à instituição de ensino, quer à área científica que os alunos frequentam. No entanto, esta revela alguma heterogeneidade, quer em relação às motivações, quer ao tempo de permanência dos alunos em Portugal.

Na Tabela 2, apresentam-se os dados demográficos e académicos de 4 estudantes (P1, P2, P3 e P4) provenientes de um contexto internacional específico, a Guiné-Bissau, que frequentam o ensino superior em Portugal, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) – Politécnico de Leiria. A análise individual das suas características permite compreender a composição e as motivações dos participantes.

Por conseguinte, a caracterização dos participantes inclui indivíduos com idades compreendidas entre os 22 e os 31 anos. Ou seja, na tabela, observa-se que dois participantes têm 22 anos, um tem 25 anos e outro 31 ano. Esta distribuição indica uma predominância de jovens adultos, com um dos elementos a inserir-se num intervalo etário ligeiramente superior, o que pode refletir diferentes percursos educativos e/ou momentos de entrada no ensino superior.

Relativamente ao género, a caracterização dos participantes é equilibrada, com dois participantes do género feminino e dois do género masculino, permitindo esta paridade

uma análise menos enviesada em relação às experiências académicas e às motivações com base no género.

No que diz respeito aos cursos frequentados pelos participantes, ambos cursam na área das Ciências Sociais e Humanas, ou seja, dois participantes frequentam cursos ligados ao Serviço Social, um participante ao curso de Administração Pública e um participante encontra-se a frequentar a licenciatura em Ensino Básico, revelando a caracterização dos participantes um interesse comum por áreas de intervenção social e educativa, relacionado eventualmente com a valorização da formação humanística e das oportunidades de carreira nestas competências.

Além disso, dois dos quatro participantes referem estar a frequentar o seu curso no 2.º ano e dois no 3.º ano, demonstrando os dados disponíveis que os participantes se encontram a meio do seu percurso académico. Relativamente ao tempo de permanência em Portugal, este varia entre os 18 e os 48 meses. Ou seja, dois participantes encontram-se em Portugal há quatro anos (48 meses), enquanto os outros dois apresentam tempos de residência significativamente inferiores (18 e 24 meses). Esta diferença poderá influenciar o grau de adaptação cultural, social e académica dos participantes.

Além do mais, os participantes apresentam como motivações uma conjugação de fatores pessoais, familiares e estruturais. Dois deles, referem ter acalentado, desde cedo, o sonho de estudar em Portugal, um menciona o apoio de familiares e conhecidos que já se encontravam no país como elemento decisivo para a sua vinda e o outro participante destaca a procura por uma nova realidade e melhores condições de vida. Refere-se ainda que um caso particular evidencia a influência de um contacto institucional que facilitou o seu processo de candidatura. Em geral, sobressaem como fatores motivacionais a perceção de qualidade do ensino em Portugal, a influência de redes sociais e familiares, e a procura de desenvolvimento pessoal e profissional.

Em suma, todos os participantes estão matriculados na ESECS em Leiria. Os dados mostram a centralização geográfica dos participantes e reforçam a homogeneidade institucional dos sujeitos estudados, o que poderá ser relevante na análise das condições de integração e apoio aos estudantes internacionais. Além disso, poderão ser um ponto

de partida relevante para análises futuras sobre a experiência de estudantes internacionais no ensino superior português.

Tabela 2 – Caracterização e contextualização dos participantes

<b>Caracterização e contextualização dos participantes</b>	
<b>Idade</b>	
22 Anos	2
26 Anos	1
31 Anos	1
<b>Total</b>	<b>4</b>
<b>Género</b>	
Masculino	2
Feminino	2
<b>Total</b>	<b>4</b>
<b>Curso que frequentam</b>	
Licenciatura Serviço Social	2
Licenciatura Administração Pública	1
Licenciatura Educação Básica	1
<b>Total</b>	<b>4</b>
<b>Ano que frequentam</b>	
2.º Ano	2
3.º Ano	2
<b>Total</b>	<b>4</b>
<b>Tempo de Permanência em Portugal</b>	
48 Meses	2
24 Meses	1
18 Meses	1
<b>Total</b>	<b>4</b>
<b>Motivações</b>	
Sonho de estudar em Portugal	2
Apoio de familiares e conhecidos	1
Procura de novas realidades	1
<b>Total</b>	<b>4</b>

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Os dados recolhidos foram efetuados a partir de entrevistas realizadas a quatro estudantes guineenses no ensino superior em Portugal, com o objetivo de compreender os desafios, as estratégias de adaptação e os fatores de apoio que moldam a sua experiência académica e social. Deste modo, o guião utilizado (Tabela 1) organizou-se em diferentes dimensões que permitem uma abordagem holística da realidade destes estudantes, abrangendo aspetos económicos, barreiras linguísticas e académicas e questões de discriminação, integração social, redes de suporte, saúde psicológica e resiliência, entre outros.

A estrutura da recolha de dados contempla ainda perspetivas futuras e mensagens direcionadas a outros jovens guineenses, permitindo identificar padrões de dificuldades e sucessos para os entrevistados, bem como propostas concretas para melhorar as condições de acolhimento e integração. Esta análise, ao considerar dimensões interligadas, procura descrever a experiência estudantil, e contribuir para a formulação de políticas e práticas institucionais que reforcem a equidade e o sucesso académico no contexto do ensino superior português.

### Dimensão 1 – Desafios Económicos

A análise das respostas demonstra que os desafios económicos constituem um dos eixos centrais das dificuldades sentidas pelos estudantes guineenses no ensino superior em Portugal, com impacto direto na sua permanência e no seu sucesso académico.

Desta forma, os participantes descrevem uma dependência económica inicial do apoio familiar e a sua insuficiência ao longo do tempo, ou seja, os estudantes relatam que chegam a Portugal com a promessa de apoio financeiro por parte de familiares (pais,

tios), mas essa ajuda revela-se frequentemente insustentável no médio prazo, levando-os à necessidade de procurar trabalho. Como refere o P1 “[...] saímos da Guiné com a promessa dos nossos pais de nos apoiarem financeiramente, mas, passado algum tempo, não conseguem cumprir... isso nos faz procurar trabalho para sustentar a nossa estadia e pagar a escola.” Nesta mesma ótica, como sublinha o P2 “Quando cheguei, o meu tio pagava a renda e a escola, depois arranjei emprego e ele passou a pagar só a renda [...]”. Além disso, os participantes mencionam a necessidade de conciliar trabalho e estudo, uma vez que o trabalho surge como uma solução inevitável para suprir carências financeiras e para garantir independência económica. Essa dupla necessidade, no entanto, acarreta desafios de gestão do tempo e de desempenho académico. Como sublinha o P1 “Trabalho porque o apoio dos meus familiares não é suficiente [...]”, o P3 refere também que “É muito difícil conciliar o trabalho com os estudos... tive de sair mais cedo da escola para ir trabalhar [...]” indicando ainda que “[...] Tive de adiar os exames para poder trabalhar e pagar as dívidas das propinas vencidas”.

Além deste desafio de natureza económica, os participantes mencionam a falta de apoios institucionais. Ressalta-se aqui que os mesmos desconhecem outros apoios já existente no Politécnico de Leiria. A maioria dos entrevistados menciona nunca ter recebido apoio significativo das entidades portuguesas ou guineenses. Alguns referem apoios pontuais, mas sem continuidade ao longo do tempo. Como indica o P4 “Nunca recebi nada do meu país”, sublinhando o P2 que “[...] recebi o abono da segurança social dois meses, entretanto foi cortado [...]”.

A ausência de apoio económico tem consequências psicológicas e de persistência académica, sendo as dificuldades económicas descritas como um peso constante, por vezes levando a endividamento, atraso no percurso académico e risco de abandono. Contudo, emergem também sinais de resiliência. Como menciona o P4 “[...] a minha situação financeira piorou por causa da dívida que tinha com a escola [...] se eu não fosse um jovem corajoso ia desistir dos meus estudos”.

Por último, referem-se alguns casos excecionais de estabilidade financeira. Isto é, embora a tendência seja de dificuldades, há relatos de estudantes que indicam que não enfrentaram problemas económicos significativos devido ao apoio consistente da família. É o caso do P3, que afirma que não se deparou com “[...] dificuldades económicas porque recebo sempre o apoio dos meus pais”.

Em síntese, pode-se referir que a dimensão “Desafios Económicos” revela um conjunto de vulnerabilidade financeira estrutural, em que a falta de apoios institucionais, adicionada à insuficiência e à instabilidade do apoio familiar, conduz à necessidade quase generalizada de conciliar estudo e trabalho, com implicações para o rendimento académico e para o bem-estar. A resiliência individual é um fator determinante para a continuidade dos estudos, mas não substitui políticas estruturadas de apoio. Estes dados vão ao encontro da opinião de diferentes autores que sublinham que o stress financeiro tem impacto direto no rendimento académico e no bem-estar (Baik et al., 2019). Outros, referem também, que a necessidade de conciliar trabalho e estudo está associada ao risco de abandono (Rajeev, 2014). Além disso, outros estudos associam vários fatores de risco na medida que defendem a resiliência individual é importante, mas insuficiente sem apoios institucionais estruturados, ou seja, o apoio social e emocional funciona como fator protetor, mas não substitui as políticas públicas (Versteeg & Kappe, 2021).

#### Dimensão 2 – Barreiras Linguísticas e Académicas

A análise dos resultados revela que as barreiras linguísticas e académicas constituem um obstáculo inicial significativo para a maioria dos estudantes guineenses, com impacto, quer na integração social, quer no desempenho académico.

Assim sendo, os participantes revelam que sentem dificuldade inicial com a língua portuguesa europeia. Apesar do português ser a língua oficial da Guiné-Bissau, as diferenças fonéticas, o ritmo de fala e a predominância do crioulo no quotidiano provocam alguma estranheza e dificultam a compreensão nas aulas. Como menciona o P3 “Quando o professor falava não entendia nada porque falam muito rápido [...] estou a pensar frequentar aulas de aperfeiçoamento da língua portuguesa”, ou como indica o P4 “Senti muitas dificuldades em língua portuguesa no primeiro ano [...] só falava quando era a apresentação do trabalho”.

Estas barreiras têm impacto emocional e psicológico, uma vez que as dificuldades linguísticas geraram momentos de constrangimento, frustração e até vontade de desistir, exigindo apoio de colegas e familiares para continuar. Segundo o P1 “Um episódio que me marcou [...] não sabia desligar o microfone no Zoom [...] chorei sozinha, liguei para o meu pai e disse que queria voltar” e, segundo o P3 “Passei uma semana sem ir às aulas, queria desistir [...] liguei à minha mãe a chorar”.

Além disso, a adaptação ao sistema de ensino superior português é percebida como um desafio devido às diferenças na organização, às metodologias e à utilização intensiva de tecnologias. A falta de familiaridade com as ferramentas digitais, com as plataformas académicas e com as metodologias autónomas é um desafio transversal a todos os participantes. Segundo o P1 “A adaptação não foi fácil... não sabia trabalhar no Word, aceder à plataforma de estudante, utilizar o Canva [...]”, no entanto, como refere o P3 “[...] os meus colegas da escola [...] ensinaram-me como funcionava as coisas”, ou seja, como refere o P4 “Não foi fácil adaptar porque vim de sistema totalmente diferente [...] aqui o ensino é mais virado às tecnologias”.

Por último, quando questionados sobre as principais diferenças estruturais e metodológicas entre Portugal e a Guiné-Bissau, os participantes na entrevista reconhecem vantagens no ensino português, nomeadamente na utilização das tecnologias e na ênfase dada ao pensamento crítico, em contraste com a memorização predominante utilizada no ensino guineense. Assim, segundo o P1 “Em relação ao ensino guineense [...] o aluno ainda faz as cópias dos fascículos [...] estudar em Portugal é melhor”, no mesmo sentido, o P3 refere que “O ensino guineense estimula a memorização [...] o português permite desenvolver conhecimentos com esforço próprio”, de forma resumida, o P2 afirma que “A diferença nota-se nas estruturas físicas, ferramentas e tecnologias [...] aqui aprende-se mais rápido”.

Em suma, as barreiras linguísticas e académicas surgem como um choque inicial, mas também como uma oportunidade de crescimento. A língua portuguesa europeia, embora conhecida formalmente, apresenta diferenças suficientes para criar bloqueios comunicativos e emocionais. A adaptação ao sistema de ensino exige competências digitais e autonomia que nem sempre são adquiridas previamente na Guiné-Bissau. Apesar das dificuldades, os estudantes reconhecem o valor formativo do ensino português, destacando as vantagens tecnológicas e organizacionais. Do mesmo modo Doutor (2024) identifica claramente as dificuldades linguísticas como fator limitador, ao passo que Cevallos et al. (2024), mostram como a falta de domínio do português europeu cria bloqueios comunicativos e emocionais. No mesmo sentido, Dias-Trindade e Albuquerque (2022) sublinham que a adaptação exige competências digitais e autonomia e existe uma evidencia sobre a necessidade crescente de literacia digital no caso do ensino superior português. Brito et al. (2025) observam ainda que, apesar das dificuldades, os estudantes reconhecem o valor formativo do ensino português. Ou seja,

segundo os mesmos autores a escolha de Portugal para estudar é devido, quer à língua, quer à qualidade de ensino, embora reconheçam alguns obstáculos sentidos na adaptação.

### Dimensão 3 – Discriminação e Integração Social

Esta dimensão sobrevém da análise das experiências de discriminação racial ou cultural e no processo de acolhimento e integração social e cultural dos participantes no estudo.

Assim, relativamente à discriminação racial ou cultural, a análise das respostas revela a ocorrência de situações de discriminação, quer em contexto académico, quer fora dele. O P1 menciona que vivenciou um episódio de discriminação racial na sala de aula, uma vez que, segundo ele, “[...] a professora atribuiu notas negativas para os 5 estudantes negros na turma sem que, no entanto, procedesse com a correção de todos os testes”. Por sua vez, o P3 refere que “Aconteceu comigo um episódio num restaurante onde eu trabalhava, um cliente foi reclamar junto do meu patrão a dizer que sempre que ele entrava havia uma rapariga preta a rir-se, [...]”. Além disso “[...] Na escola sentia-me excluída sempre que houvesse a possibilidade na composição dos grupos para realização dos trabalhos [...]”. Por último, o P4 menciona que passou por “[...] uma situação de discriminação, nos primeiros tempos na escola [...] porque os colegas da turma não queriam sentar-se ao meu lado, [...] na realização das tarefas de grupo ninguém queria que os estrangeiros fizessem parte do grupo, [...]”. Sublinha-se ainda a resposta do P2, uma vez que afirma não ter passado, nem ter assistido a “[...] uma situação idêntica”.

Quanto ao acolhimento, as respostas demonstram um apoio significativo dos colegas e dos docentes, embora o processo de integração social e cultural apresente algumas nuances. O P1 refere um bom acolhimento por parte dos colegas, salientando o auxílio de “[...] uma colega brasileira que ajudou bastante, apendi a trabalhar no moodle, canva etc., a delegada da turma também me ajudou nos primeiros tempos”. Todavia, segundo o mesmo participante “Apôs grande esforço da minha parte sinto me integrada e feliz aqui”. O P2, por sua vez, considera o acolhimento por parte dos colegas, dos professores e da comunidade académica como “[...] espetacular [...]”, tendo recebido o apoio necessário. Contudo, o P2 diferencia a integração social, que considera bem-

sucedida, da integração cultural, que, segundo ele, ainda não se concretizou totalmente, isto é “Socialmente digo que sim em termos culturais não totalmente”. Relativamente ao P3, apesar de um início difícil, menciona que foi “[...] bem acolhido na comunidade académica de Leiria em particular no meu curso [...]” e atribui o sucesso na criação de laços de amizade à sua própria disposição positiva, concluindo que se sente “[...] adaptada e integrada em todos os sentidos”. Por último, o P4, embora tenha enfrentado dificuldades iniciais com os colegas de turma, foi bem acolhido e teve o apoio da sua professora, que o ajudou “[...] a conseguir o meu primeiro emprego [...]”. Este participante destaca a dificuldade de se integrar “[...] numa cultura diferente no curto espaço de tempo, o modo de vida é diferente [...]”, no entanto, no momento presente, “[...] sinto-me integrado [...]”.

Resumidamente, a análise dos dados revela a existência de experiências de discriminação por parte de três dos quatro participantes. Esta asserção é consistente com a evidência recente sobre racismo e exclusão no contexto português e com estudos com estudantes africanos em Institutos de Ensino Superior portugueses (ECRI, 2025; Neto, 2021; OHCHR – CERD, 2023). No que diz respeito ao acolhimento e integração, os participantes relatam um processo de adaptação com diferentes níveis de sucesso. Dois sentiram-se bem acolhidos, apesar das dificuldades iniciais, e referem que o apoio dos colegas e dos professores foi crucial. Um, também salienta o bom acolhimento na comunidade académica, que, juntamente com a sua própria disposição, facilitou a criação de laços. Embora um tenha sido bem acolhido e se sinta integrado socialmente, afirma que a integração cultural não se concretizou em pleno. Esta evidência vai de encontro ao enunciado por diversos autores que afirmam que a variabilidade nos percursos de acolhimento e integração é expectável, dado que estudantes imigrantes reportam perceções de inclusão significativamente inferiores às de colegas nacionais e enfrentam riscos de marginalização. Neste sentido, o apoio dos seus pares e dos docentes é decisivo nos casos relatados, alinhando-se este apoio com recomendações para o reforço de redes de suporte e atividades de socialização como promotoras de pertença e mitigação do culture shock. Todavia, mesmo quando a integração social é alcançada, a integração cultural pode permanecer incompleta, devido aos diferentes dilemas da aculturação em Portugal (Aguiar et al., 2023; Aguiar et al., 2024; Ambrósio et al., 2017; Teixeira & Laranjeira, 2025; Zhou et al., 2008).

Dimensão 4 – Apoio e Redes de Suporte

Esta dimensão revela-se essencial para a integração e sucesso académico dos estudantes estrangeiros, conforme comprovado pelas respostas dos participantes. A análise qualitativa, mostra três eixos principais, designadamente, o apoio familiar, o apoio institucional e o apoio comunitário. Das respostas sobressaíam ainda diversas lacunas identificadas pelos estudantes.,

Relativamente ao apoio familiar, o suporte financeiro e moral da família revela-se um pilar essencial para a maioria dos participantes. O P1 menciona que tem “[...] recebido apoio por parte da minha família todos os meses [...]”, mas salienta a ausência de outros tipos de suporte. O P2 e o P3 também destacam o auxílio financeiro dos familiares, enquanto o P4 refere que “No primeiro ano recebia o apoio moral dos serviços de integração dos estudantes estrangeiros e os géneros alimentícios por parte do serviço de ação social do ILP (Instituto politécnico de Leiria) [...]”, além disso, menciona o apoio de um familiar português que desempenha um papel considerável na sua adaptação. Estes casos ilustram que as redes familiares, sejam elas biológicas ou construídas, são essenciais para a estabilidade dos estudantes.

Em relação ao apoio institucional e comunitário, as respostas revelam uma diversidade de experiências com os serviços universitários e com as organizações. O P2 destaca o apoio recebido “[...] dos serviços universitários através da representante dos estudantes estrangeiros [...]” que a encaminhou para formação em informática, demonstrando a importância de intervenções personalizadas. O P3 participa no grupo de apoio aos estudantes da CPLP "Você é mais-valia", que oferece aconselhamento e orientação, salientando o valor de redes comunitárias estruturadas “[...] que orientam diferentes educandos a nível de Portugal [...]”. Por outro lado, o P1 desconhece “[...] o propósito da [...] criação [...]” de um grupo de estudantes internacionais recentemente criado na universidade, o que sugere falhas na comunicação ou na adequação das iniciativas às necessidades reais. Por último, o P4 menciona o apoio inicial do Instituto Politécnico de Leiria, incluindo géneros alimentícios e integração, mas sublinha que esse apoio não teve continuidade ao longo dos anos.

Por último, relativamente a lacunas identificadas, os participantes assinalam diversas áreas carentes de melhoria. O P1 propõe a criação de uma organização específica “[...] com o objetivo de acompanhar os estudantes nos primeiros tempos da adaptação [...]”, nomeadamente para auxiliar os estudantes africanos na adaptação linguística e

tecnológica. O P2 critica a falta de atenção do Estado da Guiné-Bissau aos estudantes imigrantes, enfatizando a necessidade de políticas públicas mais robustas, uma vez que os jovens guineenses que vêm estudar são “[...] o futuro do país”. O P4 sugere que as instituições acadêmicas poderiam oferecer mais reforço acadêmico, mesmo sem isenção de propinas. Estas respostas refletem uma demanda por apoios mais consistentes e especializados, especialmente nos primeiros meses de adaptação.

Em suma, os dados relativos a estes entrevistados sugerem que, embora o apoio familiar e algumas iniciativas institucionais sejam valorizados, persistem na suas experiências acadêmicas significativas na rede de suporte aos estudantes estrangeiros. Selby (2020) recorre a um apoio centrado no estudante como pessoa e não apenas no processo acadêmico, reforçando a necessidade de uma abordagem holística que supere as lacunas estruturais existentes. Além disso, a eficácia das organizações existentes varia consoante a sua visibilidade e a sua adequação às necessidades, sendo essencial melhorar a divulgação e a estruturação destes recursos. Segundo Bunar (2019) os programas de acolhimento e integração só são eficazes quando claramente visíveis e adaptados às necessidades específicas dos estudantes. Neste sentido, recomenda-se a criação de programas de aconselhamento linguístico e tecnológico, bem como um maior envolvimento das instituições de origem e de acolhimento para garantir apoio holístico e apoio consistente. Na mesma linha de raciocínio, diversos autores sublinham que as diversas tecnologias aumentam a motivação, o engajamento e a confiança nos estudantes, reforçando a recomendação de apoio tecnológico, além disso, afirmam que a utilização das redes sociais entre estudantes internacionais evidenciam que, quando o suporte é limitado a redes sociais locais, o impacto é menor, assim sugerem envolvimento estruturado com pares e mentores institucionais para promover adaptação acadêmica e social (Shadiev & Wang, 2022; Woodend & Arthur, 2023)

#### Dimensão 5 – Saúde Psicológica e Pressão Académica

A dimensão "Saúde Psicológica e Pressão Académica" revela-se crítica para compreender os desafios enfrentados pelos estudantes estrangeiros em Portugal, bem como as estratégias que adotam para lidar com essas dificuldades. A análise qualitativa das respostas dos participantes permite identificar três eixos principais, designadamente o impacto psicológico da experiência migratória e acadêmica, os níveis de stress e ansiedade vivenciados, e as estratégias de coping ou de enfrentamento utilizadas.

Relativamente ao impacto psicológico da experiência em Portugal, os participantes descrevem um impacto psicológico significativo, frequentemente negativo, associado à adaptação a um novo contexto académico e cultural. O P1 menciona que sentiu “[...] um impacto psicológico enorme por causa da pressão [...]” académica referindo episódios de insónia e uma rotina sobrecarregada entre os estudos e o trabalho. A comparação com a vida na Guiné, onde conseguia repousar mais, evidencia o contraste entre os contextos. Por sua vez, o P2 refere sentimentos de desmotivação e dificuldades académicas iniciais, que a levaram a considerar a desistência. Ou seja, quando chegou “[...] não estava bem psicologicamente [e] senti o impacto negativo, não percebia nada na escola o que me faz pensar em desistir dos estudos [...]”, no entanto, diz que o apoio de uma professora de psicologia foi fundamental para a sua integração. O P3 descreve um impacto tão negativo “[...] ao ponto de pensar em desistir [...]” ponderando regressar ao país de origem, salientando crises de ansiedade e a dificuldade em lidar com as exigências escolares. Por último, o P4 adota uma perspetiva mais equilibrada, reconhecendo a existência de aspetos “[...] positivos e negativos [...]”, mas enfatiza a importância da preparação psicológica prévia. Estas descrições salientam que a pressão académica, combinada com a distância do país de origem, pode agravar sentimentos de isolamento e de falta de esperança.

Em relação aos níveis de stress, ansiedade e cansaço extremo, as respostas evidenciam experiências marcantes de stress e ansiedade, muitas vezes desencadeadas pelas exigências académicas. O P1 menciona alterações físicas, referindo que “Nunca tive olheiras na minha vida até chegar aqui, não consigo dormir bem [...]”, devido à sobrecarga de tarefas. O P2 relata um episódio de elevado stress após não ter “[...] conseguido concluir uma tarefa [...]” académica, ultrapassando, todavia, o evento graças o apoio dos colegas. Por sua vez, o P3 descreve crises de ansiedade que a levaram a procurar ajuda médica e a recorrer frequentemente à família para conselhos “[...] porque na escola as coisas não estavam a correr [...]”. Por fim, o P4, embora reconheça situações difíceis, atribui a menor intensidade do stress à sua capacidade de discernimento e resiliência, uma vez que, procura “[...] compreender as situações [...]”. Estas ocorrências ilustram como a pressão académica pode desencadear reações psicológicas e físicas intensas, especialmente quando os estudantes não dispõem de redes de suporte adequadas.

Por último, relativamente às estratégias adotadas para cuidar da saúde mental e manter a motivação, os participantes recorrem a diversas estratégias para gerir o bem-estar psicológico, destacando-se o apoio social e as atividades pessoais. O P1 utiliza a partilha de emoções com outras pessoas como forma de “[...] exprimir o que sinto [conseguindo] só assim [...] aliviar dos meus problemas”. O P2 e P4 valorizam o apoio de professoras, que as ajudaram a manter a motivação através de diálogos e de orientação. O P3 encontra conforto na música, nomeadamente a sul-coreana, uma vez que é “[...] fã da banda musical Sul Coreana BTS, quando me sinto sozinha oiço a música deles [...]” que lhe proporciona sensação de paz e conexão emocional. Estas estratégias refletem a importância de recursos internos (e.g., resiliência) e externos (e.g., suporte emocional) para enfrentar as adversidades.

Os dados sugerem que, no caso destes estudantes a saúde psicológica dos estudantes estrangeiros é profundamente afetada pela pressão académica e pelos desafios da adaptação cultural. Embora as experiências variem, é comum a referência a sentimentos de stress, ansiedade e desgaste extremo. No mesmo sentido, diversos estudos salientam que a aculturação e a pressão académica podem conduzir a níveis elevados de ansiedade e desgaste psicológico entre estudantes internacionais (Abdelkader et al., 2024; Razgulin et al., 2024). Por sua vez, as estratégias de enfrentamento centram-se maioritariamente no apoio social (professores, colegas, família) e em atividades pessoais (música, diálogo), sugerindo os participantes, que as intervenções institucionais poderiam ser mais eficazes se integrassem estes aspetos. Estes dados vão ao encontro de diferentes estudos que destacam que o apoio social, proveniente de colegas, docentes ou família, emerge como recurso central para mitigar o stress de adaptação. Além disso, as intervenções estruturadas que promovam o bem-estar psicológico, juntamente com estratégias de resiliência como o mindfulness ou a terapia cognitivo-comportamental (CBT), demonstram benefício significativo quando disponibilizadas pelos estabelecimentos de ensino (Kristiana et al., 2022; Prasath et al., 2022).

Neste pressuposto sugerem-se, entre outros, programas de apoio psicológico nas instituições de ensino com enfoque na adaptação inicial, sessões de gestão de stress, promoção de estratégias práticas como as identificadas pelos participantes, e maior divulgação de serviços de apoio psicológico, garantindo que os estudantes conheçam os recursos disponíveis. Esta análise reforça a necessidade de uma abordagem holística ao

bem-estar dos estudantes internacionais, combinando suporte institucional e valorização dos seus recursos pessoais.

Importa ressaltar que esses serviços existem no Politécnico de Leiria, mas que os participantes não têm conhecimento.

#### Dimensão 6 – Fatores Psicossociais e Resiliência

A resiliência psicológica e os fatores psicossociais emergem como elementos centrais na experiência dos estudantes guineenses em Portugal, permitindo compreender os recursos pessoais e emocionais mobilizados para enfrentar as dificuldades inerentes ao processo de mobilidade académica. A análise das respostas dos participantes revela três eixos fundamentais, os traços de personalidade valorizados, os momentos marcantes ou críticos e as fontes de motivação que sustentam a persistência no percurso académico.

Relativamente aos traços pessoais como estratégia de superação os estudantes destacam repetidamente as características pessoais como a persistência, a resiliência, a humildade e a coragem como determinantes para lidar com os obstáculos encontrados. O P1 salienta: “A resiliência e persistência [como] traços importantes para ultrapassarmos qualquer obstáculo [...]”, O P2 reforça a importância da “[...] vontade e persistência [...]” como motores da superação dos desafios. O P3 acrescenta dimensões relacionais, sublinhando a relevância de “[...] ter um comportamento exemplar, ser humilde, respeitar o próximo”. O P4 destaca “A humildade [...]” e “[...] a coragem [...]” como chaves para ultrapassar adversidades e alcançar o sucesso. Estes testemunhos evidenciam que os estudantes mobilizam não apenas competências académicas, mas também recursos de ordem emocional e ética, que funcionam como alicerces para a sua resiliência.

No que diz respeito aos momentos críticos e experiências marcantes os testemunhos revelam, quer experiências positivas de reconhecimento académico, quer episódios de grande vulnerabilidade. Por exemplo, o P2 recorda um episódio altamente valorizado, quando cantou os hinos da Guiné-Bissau e de Portugal numa aula, experiência que lhe trouxe visibilidade, aplausos e reforço da autoestima, afirmando que “[...] Foi muito especial para mim”. Em contrapartida, o P4 relata um momento de grande fragilidade no início da sua estadia: “[...] não conhecia ninguém aqui, contraí uma dívida com a escola, não tinha uma alimentação adequada, esta situação foi marcante na minha vida

em Portugal”. Já o P1 e o P3 referem não ter vivido um episódio que considerassem particularmente marcante, embora reconheçam as dificuldades gerais enfrentadas. Estes relatos permitem perceber como os fatores psicossociais se articulam de forma distinta, variando entre experiências de valorização pessoal e situações de precariedade e isolamento.

Por último, em relação às fontes de motivação e resiliência, verifica-se um padrão transversal às narrativas, o papel do objetivo académico como força mobilizadora para a continuidade. Deste modo, o P1 afirma que “O objetivo de concluir a licenciatura é razão da minha força de motivação [...]”. O P2 reafirma que “O desejo de concluir a minha licenciatura em serviço social” é o que lhe dá energia para prosseguir. O P4 sintetiza esta motivação no “[...] desejo de concluir a licenciatura e ter um diploma”. Por conseguinte, a conclusão do curso e a obtenção do diploma surgem não só como metas académicas, mas também como elementos identitários e de projeção de futuro, funcionando como âncoras de resiliência perante as dificuldades.

Em síntese, poder-se-á afirmar que a análise dos dados revela que, a resiliência dos estudantes guineenses em Portugal está fortemente associada às características pessoais (persistência, humildade, coragem), ao suporte emocional retirado de experiências positivas e, sobretudo, à centralidade do projeto académico como fator de motivação. Do mesmo modo, Mostafa e Lim (2020) referem que a persistência e a orientação para a licenciatura como horizonte de futuro emergem como motores de resiliência, em linha com a associação positiva entre motivação intrínseca e resiliência em estudantes internacionais. Além disso, mesmo perante momentos de vulnerabilidade, designadamente as dificuldades económicas, o isolamento social ou as barreiras institucionais, os participantes encontram na licenciatura como horizonte de futuro, a principal fonte de força. Como refere Neto (2021) e documentado entre estudantes africanos em Instituições de Ensino portuguesas, o apoio emocional de redes próximas mitiga o isolamento e o stress. Esta constatação reforça a necessidade de políticas educativas que reconheçam e potenciem não apenas o apoio material, mas também a valorização dos recursos psicossociais como condição para o sucesso académico. Tal como referido em diferentes relatórios, recomenda-se apoio psicológico estruturado, prevenção e divulgação ativa dos serviços de bem-estar nas Instituições de Ensino Superior e, no caso português, esta orientação tem sido explicitamente reforçada pelo movimento estudantil (Riva et al., 2024)

## Perspetivas Futuras dos estudantes

As perspetivas futuras expressas pelos estudantes guineenses entrevistados evidenciam um forte compromisso com a formação académica e o desejo de transformar o percurso universitário em oportunidades profissionais e pessoais. A análise revela três eixos principais, a continuidade dos estudos, os projetos de inserção profissional e a decisão sobre o local de permanência após a conclusão da formação.

Assim, relativamente à continuidade da formação académica, todos os participantes manifestam a intenção de prosseguir os estudos após a licenciatura, apontando para o mestrado ou, em alguns casos, para uma pós-graduação. Desta forma, o P1 refere que, após concluir a licenciatura, “[...] penso estudar o pós-graduação [...]”. O P2 declara que “[...] quando concluir a licenciatura pretendo estudar o mestrado”. O P3 menciona que deseja, depois de ganhar experiência prática em serviço social, “[...] posteriormente estudar o mestrado”. Por último, o P4 confirma a mesma intenção, embora sublinhe a necessidade de primeiro trabalhar para se organizar financeiramente, pretendendo, contudo, no futuro “[...] avançar para o mestrado”. Este padrão demonstra a centralidade do percurso académico como estratégia de mobilidade social e de valorização profissional, reforçando o diploma como capital essencial.

Em relação aos projetos profissionais e ao contributo social, para além da dimensão académica, os participantes projetam futuros profissionais ligados quer à prática laboral imediata, quer a ambições de maior alcance. Assim, o P1 admite que, caso não consiga inserção profissional adequada, poderá optar por empregos em setores menos qualificados, como “[...] empregado de balcão de loja ou como cuidadora de idosos no lar”. O P2, por sua vez, revela um projeto de retorno ao seu país para “[...] partilhar os meus conhecimentos com pessoas do meu país”. O P3 evidencia uma ambição empreendedora, afirmando que o seu sonho “[...] é ser empresária [...]” uma vez que o seu “[...] país tem muitas potencialidades por isso quero construir um projeto lá independentemente do lugar onde me encontre a viver”.

Estas narrativas evidenciam, quer a consciência das dificuldades de inserção profissional em Portugal, quer a valorização do conhecimento adquirido como recurso para transformação social na Guiné-Bissau.

Por último, em relação à decisão sobre permanecer em Portugal ou regressar, as respostas mostram diferentes posicionamentos quanto ao futuro geográfico dos estudantes. O P1 admite que pensa “[...] voltar ao meu país porque é difícil encontrar trabalho aqui [...]”, revelando um desejo de regresso condicionado pela falta de oportunidades em Portugal. O P2 e o P3 também expressam vontade de regressar à Guiné-Bissau, associando essa decisão ao desejo de contribuir para o desenvolvimento local. O P4, de forma mais clara, afirma: “Depois de concluir os estudos em Portugal pretendo regressar sim”. Estes dados confirmam que, apesar das dificuldades sentidas em Portugal, os estudantes mantêm um forte vínculo ao país de origem, perspetivando o regresso como forma de afirmação pessoal e contributo coletivo.

Quando solicitados a enunciarem sugestões para futuros estudantes que pretendam estudar em Portugal, os participantes também refletem criticamente sobre as dificuldades que enfrentaram e apresentam propostas para melhorar o percurso dos estudantes guineenses em Portugal. O P1 e o P3 defendem a implementação de um ano propedêutico de preparação académica, com especial enfoque na língua e na informática. O P2 e o P4 sugerem a criação de programas de integração com, segundo o P2 “[...] aulas de aperfeiçoamento da língua portuguesa e as aulas de informática”. Estas recomendações revelam consciência das barreiras estruturais e um sentido de responsabilidade coletiva em melhorar as condições para as gerações seguintes.

Em suma, as perspetivas futuras dos estudantes guineenses em Portugal estruturam-se em torno da valorização da educação superior como meio de ascensão social e transformação comunitária. Embora exista diversidade nos planos profissionais, que se distendem desde a prática de serviço social ao empreendedorismo, existe uma forte convergência na intenção de prosseguir para níveis académicos mais avançados e, sobretudo, no desejo de regressar à Guiné-Bissau para aplicar os conhecimentos adquiridos. A par disso, os estudantes demonstram consciência crítica relativamente às barreiras encontradas e apresentam propostas concretas que reforçam a importância de políticas de apoio estruturado à integração académica e cultural. Doutor (2024) identifica diversas barreiras encontradas pelos estudantes guineenses em Portugal, tais como o visto, a língua, o alojamento e os processos burocráticos, identificando-os como um constrangimento, quer à integração social, quer ao sucesso académico. Além disso, a autora, assiná-la como propostas concretas de melhoria por parte dos estudantes, a

consciência crítica das fragilidades do sistema e a importância de políticas estruturadas para apoiar a integração académica e cultural.

### Mensagem Final

As mensagens finais partilhadas pelos estudantes entrevistados revelam um conjunto de recomendações e reflexões dirigidas a futuros colegas guineenses que pretendam estudar em Portugal. A análise das narrativas permite identificar três eixos centrais: a necessidade de preparação prévia, a valorização de competências pessoais e a consciência das dificuldades inerentes ao percurso académico no estrangeiro.

Em relação à preparação prévia e à definição de objetivos, a maioria dos participantes sublinha a importância de chegar a Portugal com metas bem delineadas e com um planeamento antecipado. O P1 alerta que “[...] estudar em Portugal é difícil, aqui não é mar de rosas como muitos pensam, antes de virem para cá têm de traçar os seus objetivos previamente [...]”. O P3 reforça a mesma ideia ao afirmar que os jovens não devem “[...] desistir dos seus sonhos de estudar, mas também quando pensam em vir cá estudar têm de traçar bem os seus objetivos antes”. O P4 acrescenta que a preparação deve incluir formação em informática e disponibilidade financeira, que “[...] passa necessariamente em frequentar o curso de informática (...) e ter disponível os meios financeiros para os primeiros tempos”. Estas recomendações refletem uma consciência crítica das barreiras encontradas, bem como a valorização de um planeamento estratégico para aumentar as hipóteses de sucesso.

Relativamente à valorização de competências pessoais e à motivação, os estudantes destacam diversas qualidades pessoais essenciais para a adaptação e superação das dificuldades. O P2 enfatiza que é necessário “[...] ter um objetivo e acreditar nas suas potencialidades, ser humilde, ter o amor próprio, a determinação, o foco e a vontade de vencer”. Na mesma linha de raciocínio, este participante partilha uma experiência motivacional, ao assistir a uma formatura de uma amiga africana, descrevendo-a como uma inspiração e um incentivo para acreditar que também poderá alcançar essa posição no futuro. Este grupo de respostas evidencia a importância dos fatores psicossociais e da motivação intrínseca como elementos de resiliência no percurso académico.

No mesmo alinhamento, Catarina Doutor (2024) assinala, a partir do seu estudo com estudantes guineenses em universidades portuguesas, recomendações e reflexões sobre

preparação prévia, valorização de competências pessoais e consciência das dificuldades do percurso académico no estrangeiro.

## CONCLUSÕES

Os resultados obtidos respondem de forma clara ao objetivo macro do estudo, centrado em conhecer os fatores percecionados como essenciais ao sucesso académico dos estudantes guineenses no Instituto Politécnico de Leiria. Do mesmo modo, ficam também evidenciados os objetivos específicos, uma vez que a investigação permitiu identificar os progressos alcançados, mapear os desafios e compreender as estratégias de superação privilegiadas por estes estudantes. Assim, as conclusões reforçam a pertinência da pesquisa e a relevância do emprego de políticas educativas mais equitativas e inclusivas.

Neste sentido, os resultados evidenciam que o sucesso académico dos estudantes guineenses no ensino superior português resulta de uma interação complexa entre fatores pessoais, sociais, culturais e institucionais. Por um lado, sobressaem as dificuldades económicas, a necessidade de conciliar o estudo com o trabalho, as barreiras linguísticas, o impacto psicológico da adaptação cultural e os episódios de discriminação, que fragilizam a permanência e reduzem as oportunidades de sucesso. Estes riscos demonstram a existência de desigualdades estruturais que ultrapassam a responsabilidade individual do estudante e exigem respostas mais consistentes por parte das instituições e das políticas públicas.

Por outro lado, emergem fatores de proteção que contribuem para contrariar as barreiras vivenciadas. A motivação pessoal, o apoio emocional e financeiro da família, a solidariedade de colegas e docentes, bem como, iniciativas institucionais de integração e acompanhamento, revelam-se na ótica dos participantes determinantes para a resiliência e continuidade no percurso académico destes jovens. Ainda que limitadas, estas redes de apoio permitem que muitos consigam não apenas permanecer, mas também valorizar as oportunidades de aprendizagem, reconhecendo no ensino português vantagens metodológicas e recursos que não estão disponíveis no sistema guineense.

Conclui-se, assim, que o sucesso académico não pode ser entendido de forma isolada e restrito ao desempenho individual. É necessário compreendê-lo numa perspetiva

multidimensional, onde o papel das instituições de ensino, das comunidades académicas e das políticas de apoio são tão relevantes quanto o esforço do próprio estudante. A investigação reforça a urgência de medidas que promovam maior equidade, como apoios financeiros consistentes, nomeadamente do país de origem, uma maior divulgação dos programas de tutoria e orientação, existentes, assim como promoções dirigidas de formações interculturais e redes de apoio estruturadas.

Deste modo, este estudo não apenas evidencia as fragilidades e potencialidades do percurso académico dos estudantes guineenses entrevistados, mas também sugere caminhos para que o ensino superior em Portugal se torne mais inclusivo e justo. Garantir a integração e o sucesso destes estudantes significa não só investir no seu futuro individual, mas também fortalecer as relações entre Portugal e a Guiné-Bissau, promovendo, assim, uma sociedade mais coesa, multicultural e equitativa.

### **Limitações do estudo**

Este estudo tratando-se de estudo de caso, os resultados não serem generalizáveis para a população de estudantes. Entretanto, sugere-se a realização de estudos semelhantes, com outras abordagens que permitem compreender o fenómeno de modo mais abrangente.

### **Recomendações**

O estudo realizado permite propor algumas recomendações práticas. Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade de reforçar políticas de apoio financeiro e social dirigidas a estudantes africanos em mobilidade, quer do país de acolhimento, quer do país de origem, de modo a reduzir os impactos das dificuldades económicas no percurso académico.

Em segundo lugar, sugere-se a promoção de programas de tutoria e orientação que facilitem a adaptação académica, cultural e tecnológica, permitindo que os estudantes se sintam mais integrados e confiantes.

Em terceiro lugar, recomenda-se o reforço nas formações interculturais para docentes e técnicos das instituições de ensino superior, contribuindo para reduzir barreiras comunicacionais e prevenir situações de discriminação.

Por fim, é fundamental propagar a dinamização de redes de apoio entre pares, capazes de oferecer suporte prático e emocional no processo de adaptação, exemplo concreto do programa BUDDY existente no Politécnico de Leiria.

### **Sugestões Futuras**

Tendo em conta o estudo, e considerando que ficaram inúmeras linhas por desenvolver, gostaríamos de deixar algumas sugestões: a) alargar os participantes a outros contextos da diáspora guineense, b) realizar estudos comparativos entre estudantes de diferentes nacionalidades e c) analisar, em perspetiva longitudinal, como os fatores de risco e de proteção influenciam a trajetória académica e profissional destes estudantes. Tais estudos poderão contribuir para aprofundar a compreensão deste fenómeno e para fundamentar políticas mais inclusivas e eficazes no âmbito do ensino superior.

## BIBLIOGRAFIA

- Abdelkader, A., Joseph, B., Anish, L., Kaur, M., Bourke, S., Hayes, C., Thong, M., Plummer, V., & Jacob, S. (2024). International students' perspectives on factors impacting psychological well-being and early help-seeking behaviours in undergraduate nursing programs. *Nurs Open*, *11*(9), Article e70030. <https://doi.org/10.1002/nop2.70030>
- Adeyemi, A., & Adeyemi, S. (2014). Personal factors as predictors of students academic achievement in colleges of education in South Western Nigeria. *Educational Research and Reviews*, *9*(4), 97-109. <https://doi.org/10.5897/ERR2014.1708>
- ADIPSIEDUC. (2024). *Sucesso Académico no Ensino Superior* (Alexandra R. Costa, Amélia Caldeira, Claisy Marinho-Araujo, & Leandro S. Almeida, Eds. Psicologia & Educação n.º 6 ed.). Braga: Associação para o Desenvolvimento da Investigação em Psicologia da Educação.
- Ager, A., & Strang, A. (2008). Understanding integration: A conceptual framework. *Journal of Refugee Studies*, *2*(12), 166-191. <https://doi.org/10.1093/jrs/fen016>
- Aguiar, J., Sin, C., & Tavares, O. (2023). International Students' Experience of Remote Teaching and Learning in Portugal. *Open Education Studies*, *2*, 1-16, Article 20220190. <https://doi.org/10.1515/edu-2022-0190>
- Aguiar, J., Tavares, O., & Sin, C. (2024). Impact of international student mobility in rural Portuguese regions. *International Journal of Educational Research*, *127*, Article 102439. <https://doi.org/10.1016/j.ijer.2024.102439>
- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma\\_Qualitativo%20%281%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o\\_atualizada%29.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%20%281%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o_atualizada%29.pdf)

Alves, E., & Iorio, J. (2021). Da mobilidade estudantil à mobilidade social: os estudantes angolanos, brasileiros e cabo-verdianos em Portugal. *Finisterra*, 56(118), 221-239. <https://doi.org/10.18055/Finis21394>

[https://www.ipleiria.pt/viver/servicos/centro-apoio-estudante/projetos\\_cae/](https://www.ipleiria.pt/viver/servicos/centro-apoio-estudante/projetos_cae/)

Ambrósio, S., Marques, J., Santos, L., & Doutor, C. (2017). Higher Education Institutions and International Students' Hindrances: A Case of Students From the African Portuguese-Speaking Countries at Two European Portuguese Universities. *Journal of International Students*, 7(2), 367-394. <https://doi.org/10.32674/jis.v7i2.386>

Baik, C., Larcombe, W., & Brooker, A. (2019). How universities can enhance student mental wellbeing: the student perspective. *Higher Education Research & Development*, 38(4), 674-687. <https://doi.org/10.1080/07294360.2019.1576596>

Basil, D. (1975). *A libertação da Guiné – Aspectos de uma Revolução Africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

Bedeta, G. (2013). *Políticas Educativas na Guiné-Bissau* [Mestrado, Faculdade de Letras Universidade do Porto. Universidade do Porto]. Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71824/2/28422.pdf>

Bogdan, Robert & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Brito, E., Neves, M., Gomes, N., & Lopes, N. (2025). Inclusion and Internationalization: Perception of Higher Education Students. *interchange*, 56(2), 1-25. <https://doi.org/10.1007/s10780-025-09544-3>

Brito, V. (2009). *Vivências adaptativas e desempenho académico dos estudantes cabo-verdianos da Universidade de Coimbra* [Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação. Universidade de Coimbra]. Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/11975>

- Bunar, N. (2019). *Promoting Effective Integration of Migrants and Refugees in Education* (Second ed.). Brussels: European Trade Union Committee for Education.
- Cá, W. (2015). *A experiência de integração escolar dos estudantes guineenses em Portugal: o caso dos estudantes do 1º ciclo no ISCTE* [Mestrado, Departamento de Sociologia. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa]. Lisboa.
- Cabrito, B. & Cardoso, C. (2022). *Estudo Diagnóstico do Ensino Superior e Investigação Científica: oportunidades e recomendações*. Bissau: Fundação Fé e Cooperação.
- Cadima, R., Milhano, S., Jerónimo, M., & Pinto, H. (2024). Experiências Y Propuestas Sobre La Organización Y Gestión Universitaria De La Ia En Portugal. In *La Gestión De La Inteligencia Artificial En Los Contextos Universitarios Iberoamericanos*. EDO-Serveis – Universitat Autònoma de Barcelona, 221–237.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Casanova, M., Barreto, M., Cotrim, N., Ferreira, S., Fatil, A., & Morato, P. (2018). *Teorias da Aprendizagem: Psicopedagogia das Necessidades Especiais*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.
- Cevallos, E., Varsori, E., & Guilherme, A. (2024). Processo de Ingresso no Ensino Superior de Estudantes Imigrantes e Refugiados: Uma Revisão sistemática. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 11(2), Article e024020. <https://doi.org/10.21814/rlec.5711>
- Conselho da Europa – ECRI (2025). *ECRI Report on Portugal (sixth monitoring cycle)*. ECRI Secretariat. <https://rm.coe.int/sixth-report-on-portugal/1680b6668d>
- Considine, G., & Zappala, G. (2002). Influence of social and economic disadvantage in the academic performance of school students in Australia. *Journal of Sociology*, 38(2), 129-148. <https://doi.org/10.1177/144078302128756>

- Cutler, D., & Lleras-Muney, A. (2006). *Education and health: Evaluating theories and evidence*. In (Working Paper No. 12352, pp. 1-37): National Bureau of Economic Research
- Deci, E., & Ryan, R. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227-268. [https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104\\_01](https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01)
- Dias-Trindade, S., & Albuquerque, C. (2022). University Teachers’ Digital Competence: A Case Study from Portugal. *Social Sciences*, 11(10), 481. <https://doi.org/10.3390/socsci11100481>
- Doutor, C. (2024). Estudantes guineenses no ensino superior em Portugal: barreiras e recomendações. *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 32, 1-14, Article e321848. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880003205>
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas de investigação em Educação. *Noesis*, 18, 64-66.
- Fonseca, A. (2017). *A leitura na prisão: contributos para a educação em cidadania* [Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Universidade do Porto]. Porto. <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/108065/2/222962.pdf>
- Fonseca, A., Cruz, J. & Neto, F. (2014). Motivações dos reclusos para frequentar o ensino na prisão. In Ordem dos Psicólogos (Ed.), *Actas do IX Congresso Iberoamericano de Psicologia/ 2º Congresso da Ordem dos Psicólogos*, 935-942.
- Fonseca, C., & Neto, F. (2006). Atitudes dos reclusos ciganos e não ciganos face ao ensino recorrente. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 329-352.
- Fortin, M-F. (2006). *Da concepção à realização, o processo de investigação*. Lisboa: Lusociência.
- Freire, P. (2012). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Odivelas: Edições Pedagogo.

- Giroux, H. (2011). *On critical pedagogy*. London: Continuum International Publishing Group.
- Glass, C., & Westmont, C. (2014). Comparative effects of belongingness on the academic success and cross-cultural interactions of domestic and international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 38(1), 106-119. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2013.04.004>
- Godoy, A. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 35, 2, 57-63.
- Graetz, B. (1995). The impact of family background on women's educational attainment: a longitudinal study. *The Sociological Quarterly*, 36(2), 257-277.
- Hailu, T., & Ku, H. (2014). The Adaptation of the Horn of Africa Immigrant Students in Higher Education. *The Qualitative Report*, 19(28), 1-19. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2014.1134>
- J. Sousa; M. J. Sousa; L. Magueta; M. S. P. Lopes; & L. Brites (Org.): promoção de competências emocionais Emoções, Artes E Intervenção: Crianças e Jovens Em Risco. Almedia, 209-228.
- Jaló, S. (2019). Língua portuguesa e colonização - caso da Guiné-Bissau. Acesso em: 2025-03-11. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/a-ler/lingua-portuguesa-e-colonizacao-caso-da-guine-bissau>
- Kristiana, I., Karyanta, N., Simanjuntak, E., Prihatsanti, U., Ingarianti, T., & Shohib, M. (2022). Social Support and Acculturative Stress of International Students. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(11), 6568. <https://doi.org/10.3390/ijerph19116568>.
- Lu, M., Li, W., & Xie, Y. (2019). The influences of family background and structural factors on children's academic performance: A cross-country comparative study. *Chinese Journal of Sociology*, 5(2), 173-192. <https://doi.org/10.1177/2057150X19837908>

- Ludke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Lda.
- Mangas, C.; Lopes, S.; Milhano, S. & Freire, C. (2023). Estratégias de intervenção para a inclusão de jovens em risco de Abandono escolar precoce:
- Milhano, S; Cadima, R; & Olmos Ruéda, P. (2023) Estrategias para prevenir el abandono en la formación profesional: Contribuciones desde la orientación en el contexto portugués. In: Álvarez Arregui E et al. (eds) *Organización y gestión de edusistemas en transformación: Retos, visiones y propuestas de mejora*. Universidad de Oviedo, 124–128.
- Milhano, S.; Cadima, R., Pinto, H., & Pires, C. (2024). Las últimas reformas educativas no universitarias de Portugal. In J. Gairín Sallán & M. V. Leiva-Guerrero (Coord.). *Las Últimas Reformas Educativas no Universitarias: Fundamentos, Aplicación y Resultados*. EDO-Serveis – Universitat Autònoma de Barcelona, 171-189.
- Marconi, M. & Lakatos, E (1990). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1990
- Meyer, B., & Brown, D. (2020). African migrants in Europe: Education, migration, and integration. *International Journal of Educational Development*, 73, 102-112. <https://doi.org/10.1016/j.ijedudev.2020.102112>
- Monteiro, J. (2005). *A Educação na Guiné-Bissau, Bases para uma estratégia sectorial renovada*. República da Guiné-Bissau. Ministério da Educação Nacional, PAEB/FIRKIDJA. Disponível em: [https://www.relaappe.fe.unicamp.br/pf-relaappe/monteiro\\_jj\\_huco\\_2005.pdf](https://www.relaappe.fe.unicamp.br/pf-relaappe/monteiro_jj_huco_2005.pdf)
- Morrow, R., & Torres, C. (2002). *Education and neoliberal globalization*. London: Routledge Taylor & Francis Group.
- Mostafa, H., & Lim, Y. (2020). Examining the Relationship Between Motivations and Resilience in Different International Student Groups Attending U.S.

- Universities. *Journal of International Students*, 10(2), 306-319. <https://doi.org/10.32674/jis.v10i2.603>
- Neto, F. (2021). Loneliness among African international students at Portuguese universities. *Journal of International Students*, 11(2), 397-416. <https://doi.org/10.32674/jis.v11i2.1379>
- Ocuni Cá, L. (2000). A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973). *Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, SP*, 2(1), 51-69. <https://doi.org/10.20396/etd.v2i1.561>
- OECD. (2020). *The future of education and skills: Education 2030*. Paris: OECD. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/2030/>
- OHCHR – CERD. (2023). *Experts of the Committee on the Elimination of Racial Discrimination Note Portugal's Adoption of a National Plan to Combat Racism and Discrimination, Ask Questions on the Census and Discrimination against Roma and Persons of African Descent*. Acesso em: 2025-Ago-17. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/meeting-summaries/2023/04/examen-du-portugal-les-experts-du-comite-pour-lelimination-de-la>
- Pekrun, R. (2006). The control-value theory of achievement emotions: assumptions, corollaries, and implications for educational research and practice. *Educ. Psychol. Rev.*, 18(4), 315-341. <https://doi.org/10.1007/s10648-006-9029-9>
- Perret-Clermont, A.-N., & Carugati, F. (2001). Learning and Instruction, Social-Cognitive Perspectives (On Social Factors in Learning and Instruction). In N. J. Smeiser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 8586-8588). Oxford: Pergamon.
- Pires, H. (2000). Estudantes dos PALOP no Ensino Superior Português. *Psicologia*, 14(2), 149-157. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v14i2.507>
- Prasath, P., Xiong, Y., Zhang, Q., & Jeon, L. (2022). Psychological Capital, Well-being, and Distress of International Students. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 44(1), 529-549. <https://doi.org/10.1007/s10447-022-09473-1>

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Rajeev, D. (2014). Working (and studying) day and night: Heterogeneous effects of working on the academic performance of full-time and part-time students. *Economics of Education Review*, 38(C), 38-50. <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2013.10.004>
- Razgulin, J., Argustaitė-Zailskienė, G., Petrolienė, R., & Šmigelskas, K. (2024). Sociocultural adjustment and social support as predictors for international medical sciences students' anxiety during COVID-19. *BMC Medical*, 24, 1-9, Article 395. <https://doi.org/10.1186/s12909-024-05379-1>
- Riva, E., Lister, K., & Jeglinska, W. (2024). *Student and staff mental well-being in European higher education institutions*. Luxembourg: NESET report.
- Sané, S. (2018). Os desafios da educação na Guiné-Bissau. *Revista Temas em Educação*, 27(1), 55-77. <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-7003.2018v27n1.39717>
- Selby, M. (2020). *A holistic view of international student support*. European Association for International Education. Acesso em: 2025-Aug-18. Disponível em: <https://www.eaie.org/resource/holistic-international-student-support.html>
- Sen, A. (2010). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Shadiev, R., & Wang, X. (2022). A Review of Research on Technology-Supported Language Learning and 21st Century Skills. *Frontiers in Psychology*, 13, Article 897689. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.897689>
- Silva, R. & Oliveira, J. (2020). Impactos e Efeitos de Programas de Cooperação para o Desenvolvimento em Escolas: Um olhar focado sobre o programa de apoio ao sistema educativo da Guiné-Bissau. *Cadernos de estudos africanos*, 39, 85-111.
- Sucuma, A. (2002). *O papel do Estado Bissau-Guineense na construção do ensino superior*. Disponível em: <https://eventos.aforges.org/wp->

[content/uploads/sites/63/sites/64/2023/05/4-Arnaldo-Sucuma\\_O-papel-do-Estado-Bissau-Guineense.pdf](https://content/uploads/sites/63/sites/64/2023/05/4-Arnaldo-Sucuma_O-papel-do-Estado-Bissau-Guineense.pdf)

- Teixeira, M., & Laranjeira, M. (2025). Inclusion and Well-Being Among National and Immigrant University Students in Portugal: Avenues for Participatory Research. *Societies*, 15(1), 7. <https://doi.org/10.3390/soc15010007>
- UNESCO, (1986). *GuinéeBissau, perspectives de développement du système d'enseignement formation*. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000070477>
- UNESCO. (2015). *Objetivos de desenvolvimento sustentável – Educação de qualidade*. UNESCO. Disponível em: <https://www.unesco.org>
- United Nations (2022). *Transforming Education Essential to Unlocking Safer, More Equal, Peaceful Future, Secretary-General Says in Message for Paris Summit*. Paris: UN. Disponível em: <https://press.un.org/en/2022/sgsm21357.doc.htm>
- Versteeg, M., & Kappe, R. (2021). Resilience and Higher Education Support as Protective Factors for Student Academic Stress and Depression During Covid-19 in the Netherlands. *Frontiers in Public Health*, 9, Article 737223. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.737223>
- Walberg, J., Fraser, J., & Welch, W. (1986). Assessing student learning environments: relationships among teaching practices, student attitudes, and cognitive outcomes. *Journal of Educational Psychology*, 78, 210-219.
- Wimshurst, K., Wortley, R., Bates, M., & Allard, T. (2006). The impact of institutional factors on student academic results: implications for 'quality' in universities. *Higher Education Research & Development*, 25(2), 1-19. <https://doi.org/10.1080/07294360600610370>
- Woodend, J., & Arthur, N. (2023). Qualitative Research with Former International Students: Reflections on Conceptualization, Planning and Relational Engagement. *The Qualitative Report*, 28(5), 1268-1281. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2023.6067>

World Bank. (2021). *World development report 2021: Data, digitalization, and development*. World Bank. <https://www.worldbank.org>

Yin, Robert (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman Companhia Editora.

Zhou, Y., Jindal-Snape, D., Topping, K., & Todman, J. (2008). Theoretical models of culture shock and adaptation in international students in higher education. *Studies in Higher Education*, 33(1), 63-75. <https://doi.org/10.1080/03075070701794833>

# ANEXOS

## Anexo I – Guião da Entrevista

### **GUIÃO DE ENTREVISTA:** Estudantes Guineenses no Ensino Superior em Portugal

Esclarecer o entrevistado sobre o principal objetivo da entrevista “compreender os desafios enfrentados por estudantes guineenses no ensino superior em Portugal e identificar os fatores de apoio que contribuem para a sua resiliência, integração e sucesso académico.

Explicar como vai ser registada

Ressaltar a necessidade da colaboração

Garantir o acesso aos resultados

Motivar a o entrevistado para a entrevista.

Assegurar confidencialidade e anonimato

Solicitar a respetiva autorização verbal para gravar a entrevista.

**Agradecer a colaboração**

**Idade:**

**Género:**

#### **1. Apresentação e Contextualização**

**1.1. Qual o curso que está a frequentar?**

R:

**1.2. Em que ano está?**

R:

**1.3. Qual é a sua Universidade ou Politécnico?**

R:

**1.4. Há quanto tempo está em Portugal?**

R:

**1.5. O que motivou a sua vinda para estudar em Portugal?**

R:

## **2. Desafios Económicos**

**2.1. Que dificuldades económicas enfrentou ou continuas a enfrentar, desde que chegou a Portugal?**

R:

**2.2. Dedicar-se apenas a estudar ou concilia o estudo com trabalho?**

R:

**2.3. Se trabalha, qual é o motivo?**

R:

**2.4. Como tem gerido a necessidade de conciliar trabalho e estudo?**

R:

**2.5. Já tive de tomar decisões difíceis relacionadas com o dinheiro (como adiar cadeiras, trabalhar em excesso, etc.)?**

R:

**2.6. Recebe algum apoio das entidades portuguesas? Se sim quais?**

R:

**2.7. Recebe algum apoio das entidades guineenses? Se sim quais?**

R:

**2.8. Considera que a Guiné deveria apoiar mais significativa os estudantes em Portugal?**

R:

### **3. Barreiras Linguísticas e Académicas**

**3.1. Sentiu alguma dificuldade com a língua portuguesa europeia, principalmente nos primeiros tempos?**

R:

**3.2. Como descreveria o seu processo de adaptação ao sistema de ensino superior em Portugal?**

R:

**3.3. Quais foram as maiores diferenças em relação ao ensino na Guiné-Bissau?**

R:

### **4. Discriminação e Integração Social**

**4.1. Já experienciou ou presenciou situações de discriminação racial ou cultural em Portugal?**

R:

**4.2. Como tem sido acolhida pelos colegas, pelos professores e pela comunidade académica?**

R:

**4.3. Sente-se integrado socialmente e culturalmente?**

R:

### **5. Apoios e Redes de Suporte**

**5.1. Que tipo de apoio familiar, social ou institucional tem recebido desde que**

**chegaste?**

R:

**5.2. Há alguma organização, serviço universitário ou grupo que tenha sido particularmente importante para si?**

R:

**5.3. O que falta ainda, em termos, de apoio aos estudantes estrangeiros como tu?**

R:

## **6. Saúde Psicológica e Pressão Académica**

**6.1. Como descreveria o impacto psicológico da sua experiência em Portugal?**

R:

**6.2. Já sentiu níveis elevados de stress, ansiedade ou cansaço extremo?**

R:

**6.3. Que estratégias usa para cuidar da saúde mental e manter a motivação?**

R:

## **7. Fatores Psicossociais e Resiliência**

**7.1. Que traços pessoais acha que têm sido mais importantes para ultrapassar as dificuldades?**

R:

**7.2. Há algum momento especialmente difícil ou marcante que queira partilhar?  
Se sim, como o superou?**

R:

**7.3. O que lhe dá força para continuar?**

R:

## **8. Perspetivas Futuras**

**8.1. Quais são os seus objetivos para o futuro, quer a nível académico, quer profissional?**

R:

**8.2. Pensa regressar à Guiné-Bissau, ficar em Portugal ou procurar outras oportunidades noutros países?**

R:

**8.3. Que mudanças gostaria de ver implementadas para facilitar o percurso dos futuros estudantes guineenses no ensino superior português?**

R:

## **9. Mensagem Final**

**9.1. Que mensagem deixaria a outros jovens guineenses que estão a pensar vir estudar para Portugal?**

R:

**9.2. Há algo mais que gostaria de partilhar e que não foi abordado?**

R:

## Anexo II – Entrevistas

### Entrevista – Participante A

#### **GUIÃO DE ENTREVISTA:** Estudantes Guineenses no Ensino Superior em Portugal

Esclarecer o entrevistado sobre o principal objetivo da entrevista “compreender os desafios enfrentados por estudantes guineenses no ensino superior em Portugal e identificar os fatores de apoio que contribuem para a sua resiliência, integração e sucesso académico.

Explicar como vai ser registada

Ressaltar a necessidade da colaboração

Garantir o acesso aos resultados

Motivar a o entrevistado para a entrevista.

Assegurar confidencialidade e anonimato

Solicitar a respetiva autorização verbal para gravar a entrevista.

**Agradecer a colaboração**

**Idade:** 22 anos

**Género:** F

#### **1. Apresentação e Contextualização**

##### **1.1. Qual o curso que está a frequentar?**

R: Licenciatura e serviço social.

##### **1.2. Em que ano está?**

R: 2 ano de curso.

##### **1.3. Qual é a sua Universidade ou Politécnico?**

R: Politécnico de Leiria ESECS

#### **1.4. Há quanto tempo está em Portugal?**

R: Estou em Portugal há 1 ano e 6 meses.

#### **1.5. O que motivou a sua vinda para estudar em Portugal?**

R: Eu sempre tive o sonho de vir cá estudar e as conversas que eu tive com a minha irmã e as minhas amigas que já estavam cá em Portugal influenciaram ainda mais a minha vinda, elas disseram-me que estudar aqui em Portugal é muito bom a pessoa adquire mais conhecimentos do que em África.

### **2. Desafios Económicos**

#### **2.1. Que dificuldades económicas enfrentou ou continuas a enfrentar, desde que chegou a Portugal?**

R: As dificuldades financeiras que já enfrentei e estou a enfrentar são enormes estudar aqui não é fácil, sair da África para vir aqui na Europa exige uma enorme condição financeira, exige o apoio dos pais, dos tios etc., saímos da Guiné com a promessa dos nossos pais de nos apoiarem financeiramente, mas, passado algum tempo os mesmos não conseguem cumprir com a promessa por falta dos meios financeiros e isso nos faz procurar o trabalho para poder sustentar a nossa estadia e pagar a escola.

#### **2.2. Dedicar-se apenas a estudar ou concilia o estudo com trabalho?**

R: Faço os dois, estou a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo

#### **2.3. Se trabalha, qual é o motivo?**

R: Trabalho porque o apoio dos meus familiares não é suficiente então tenho de trabalhar para sustentar os meus estudos

#### **2.4. Como tem gerido a necessidade de conciliar trabalho e estudo?**

R: Consigo sim, a partir de momento que a pessoa tem as necessidades consegue conciliar o tempo de estudo e de trabalho, quando não vou trabalhar

aproveito o tempo para estudar.

**2.5. Já tive de tomar decisões difíceis relacionadas com o dinheiro (como adiar cadeiras, trabalhar em excesso, etc.)?**

R: Para ser sincera nunca estive numa situação desta.

**2.6. Recebe algum apoio das entidades portuguesas? Se sim quais?**

R: Eu trabalho na cantina escolar, não sei se posso considerá-lo um apoio das autoridades portuguesas.

**2.7. Recebe algum apoio das entidades guineenses? Se sim quais?**

R: Não, nunca recebi nada, eu vim para cá no quadro do regime especial, em princípio o estado da Guiné-Bissau deveria subsidiar os seus estudantes mensalmente como acontece com outros países como o Moçambique, mas até ao preciso momento não recebi nada do meu estado.

**2.8. Considera que a Guiné deveria apoiar mais significativa os estudantes em Portugal?**

R: Penso que sim, porque viver e estudar aqui é muito difícil sem qualquer apoio.

**3. Barreiras Linguísticas e Académicas**

**3.1. Sentiu alguma dificuldade com a língua portuguesa europeia, principalmente nos primeiros tempos?**

R: Tenho tido dificuldades desde início as vezes sinto-me constrangida perante as minhas colegas de sala quando falo o português, tento ler os livros para melhorar, mas mesmo assim está a ser difícil.

**3.2. Como descreveria o seu processo de adaptação ao sistema de ensino superior em Portugal?**

R: A adaptação não foi fácil começando da interação com os membros dos serviços académicos até ao uso da plataforma e o portal de estudante. Um episódio que

me marcou muito foi quando assistia a uma aula pelo zoom, como não sabia utilizar essa ferramenta não sabia que tinha de desligar o microfone por isso tudo o que eu falava em casa ouvia-se durante a aula, aquela situação deixou-me muito triste, chorei sozinho, liguei para o meu pai disse-lhe que não queria mais estudar aqui queria voltar, depois consegui superar graças a uma amiga portuguesa que me o apoio em como trabalhar no Word, aceder a plataforma de estudante, utilizar o Canva, entre outras coisas.

### **3.3. Quais foram as maiores diferenças em relação ao ensino na Guiné-Bissau?**

R: O sistema de ensino português tem vantagens porque possibilita o aluno adquirir muitos conhecimentos através de uso novas tecnologias como os computadores, em relação ao ensino guineense na universidade o aluno ainda faz as copias dos fascículos, portanto, na minha opinião estudar em Portugal é melhor.

## **4. Discriminação e Integração Social**

### **4.1. Já experienciou ou presenciou situações de discriminação racial ou cultural em Portugal?**

R: Uma vez aconteceu um episódio na sala que classifico como discriminação onde fizemos uma ficha de trabalho, a professora atribuiu notas negativas para os 5 estudantes negros na turma sem que, no entanto, procedesse com a correção de todos os testes.

### **4.2. Como tem sido acolhida pelos colegas, pelos professores e pela comunidade académica?**

R: Fui bem acolhida pelos meus colegas de turma, tenho uma colega brasileira que ajudou bastante, apendi a trabalhar no moodle, canva etc., a delegada da turma também me ajudou nos primeiros tempos.

### **4.3. Sente-se integrado socialmente e culturalmente?**

R: Após grande esforço da minha parte sinto-me integrada e feliz aqui.

## **5. Apoios e Redes de Suporte**

**5.1. Que tipo de apoio familiar, social ou institucional tem recebido desde que chegaste?**

R: Tenho recebido apoio por parte da minha família todos os meses, fora isso não recebo nenhum outro tipo de apoio.

**5.2. Há alguma organização, serviço universitário ou grupo que tenha sido particularmente importante para si?**

R: Que eu saiba só recentemente que foi criado um grupo dos estudantes internacional, mas eu desconheço o propósito da sua criação, além disso não outro grupo que tenha sido importante para mim.

**5.3. O que falta ainda, em termos, de apoio aos estudantes estrangeiros como tu?**

R: Eu acho que devido as dificuldades que os alunos africanos enfrentam devia-se criar uma organização com o objetivo de acompanhar os estudantes nos primeiros tempos da adaptação, ou seja, dar apoio no aperfeiçoamento da língua portuguesa, ensiná-los em como aceder ao moodle, plataforma etc.

**6. Saúde Psicológica e Pressão Académica**

**6.1. Como descreveria o impacto psicológico da sua experiência em Portugal?**

R: Senti um impacto psicológico enorme por causa da pressão, lembro-me que, um dia tive insónia não dormi desde as 20 horas da noite até as 05 horas da manhã por causa da pressão dos trabalhos escolar.

**6.2. Já sentiu níveis elevados de stress, ansiedade ou cansaço extremo?**

R: Nunca tive olheiras na minha vida até chegar aqui, não consigo dormir bem, ando muito ocupada com as tarefas escolar e o meu trabalho na cantina, a minha vida não é mesma, na Guiné conseguia repousar bastante porque não tinha a mesma rotina.

**6.3. Que estratégias usa para cuidar da saúde mental e manter a motivação?**

R: Eu sou uma pessoa com muito stress e ansiedade por isso procuro o apoio através das conversas com outras pessoas, gosto de partilhar, exprimir o que sinto só

assim consigo aliviar dos meus problemas.

## **7. Fatores Psicossociais e Resiliência**

### **7.1. Que traços pessoais acha que têm sido mais importantes para ultrapassar as dificuldades?**

R: A resiliência e persistência são traços importantes para ultrapassamos qualquer obstáculo, eu quando quero conquistar alguma coisa dou tudo de mim, não desisto facilmente.

### **7.2. Há algum momento especialmente difícil ou marcante que queira partilhar? Se sim, como o superou?**

R: Não tem nenhum momento que eu possa considerar especialmente difícil ou marcante.

### **7.3. O que lhe dá força para continuar?**

R: O objetivo de concluir a licenciatura é razão da minha força de motivação no meu dia a dia, mentalizei-me que tenho de me formar como ou sem dificuldades.

## **8. Perspetivas Futuras**

### **8.1. Quais são os seus objetivos para o futuro, quer a nível académico, quer profissional?**

R: O objetivo é terminar a minha formação

### **8.2. Pensa regressar à Guiné-Bissau, ficar em Portugal ou procurar outras oportunidades noutros países?**

R: Futuramente quando concluir a minha licenciatura penso estudar o pós graduação depois disso penso voltar ao meu país porque é difícil encontrar o trabalho aqui, há muitos estudantes a tirar o mesmo curso, caso contrário vou trabalhar como empregado do balcão de loja ou como cuidadora de idosos no lar.

### **8.3. Que mudanças gostaria de ver implementadas para facilitar o percurso dos**

**futuros estudantes guineenses no ensino superior português?**

R: Na minha opinião penso que implementação do ano propedêutica vai ajudar muito a integração de futuros estudantes, os mesmos frequentavam seis meses de preparação antes da entrada para o 1º ano de curso.

**9. Mensagem Final****9.1. Que mensagem deixaria a outros jovens guineenses que estão a pensar vir estudar para Portugal?**

R: A minha mensagem para os futuros estudante, estuda em Portugal é difícil, aqui não é mar rosas como muitos pensam, antes de virem para cá têm de traçar os seus objetivos previamente e quando chegam têm de ser persistentes para conseguir atingir os objetivos.

**9.2. Há algo mais que gostaria de partilhar e que não foi abordado?**

R: Não tenho mais nada a dizer e não sei as minhas respostas foram claras em relação as suas perguntas. Saiba que se precisasse de minha intervenção estarei disponível.

## Entrevista – Participante B

### **GUIÃO DE ENTREVISTA:** Estudantes Guineenses no Ensino Superior em Portugal

Esclarecer o entrevistado sobre o principal objetivo da entrevista “compreender os desafios enfrentados por estudantes guineenses no ensino superior em Portugal e identificar os fatores de apoio que contribuem para a sua resiliência, integração e sucesso académico.

Explicar como vai ser registada

Ressaltar a necessidade da colaboração

Garantir o acesso aos resultados

Motivar a o entrevistado para a entrevista.

Assegurar confidencialidade e anonimato

Solicitar a respetiva autorização verbal para gravar a entrevista.

**Agradecer a colaboração**

**Idade:** 22 anos

**Género:** Masculino

### **1. Apresentação e Contextualização**

#### **1.1. Qual o curso que está a frequentar?**

R: Serviço social.

#### **1.2. Em que ano está?**

R: 2 ano

#### **1.3. Qual é a sua Universidade ou Politécnico?**

R: Estou a estuda o serviço social no politécnico de Leiria- ESECS

#### **1.4. Há quanto tempo está em Portugal?**

R: Estou em Portugal há 2 anos.

#### **1.5. O que motivou a sua vinda para estudar em Portugal?**

R: Bem, eu vim para cá a procura de uma nova realidade, mais conhecimentos e de melhores condições de vida.

### **2. Desafios Económicos**

#### **2.1. Que dificuldades económicas enfrentou ou continuas a enfrentar, desde que chegou a Portugal?**

R: Quando cheguei o meu tio é que me pagava a renda e a escola depois de algum tempo arranjei o emprego ele continua a pagar só a renda eu pago a escola e outras despesas, mas, mesmo assim passei muitas por dificuldades no início.

#### **2.2. Dedicar-se apenas a estudar ou concilia o estudo com trabalho?**

R: Sim, trabalho e estudo ao mesmo tempo.

#### **2.3. Se trabalha, qual é o motivo?**

R: Como disse anteriormente preciso trabalhar para apoiar o meu tio que me pagava a escola e renda.

#### **2.4. Como tem gerido a necessidade de conciliar trabalho e estudo?**

R: Não tem sido fácil gerir as duas coisas, mas consegui um trabalho com a escala que não afeta os meus estudos.

#### **2.5. Já tive de tomar decisões difíceis relacionadas com o dinheiro (como adiar cadeiras, trabalhar em excesso, etc.)?**

R: Não, porque recebi sempre ajuda do meu tio.

#### **2.6. Recebe algum apoio das entidades portuguesas? Se sim quais?**

R: Sim, recebi o abono da segurança social 2 meses, entretanto foi cortado

depois eu ter começado a trabalhar.

**2.7. Recebe algum apoio das entidades guineenses? Se sim quais?**

R: Por parte do meu país nunca recebi nenhum tipo de apoio.

**2.8. Considera que a Guiné deveria apoiar mais significativa os estudantes em Portugal?**

R: Penso que sim, porque apoiar os estudantes é investir no futuro do país.

**3. Barreiras Linguísticas e Académicas**

**3.1. Sentiu alguma dificuldade com a língua portuguesa europeia, principalmente nos primeiros tempos?**

R: No meu primeiro dia de aulas parecia que a professora falava o chinês, ia para casa com muitas dúvidas devido as dificuldades de compreensão da língua, tinha medo e sentia a vergonha de falar e apresentar as dúvidas a turma, seguidamente comecei a frequentar mais tempo na biblioteca que me ajudou a melhorar na compreensão a língua.

**3.2. Como descreveria o seu processo de adaptação ao sistema de ensino superior em Portugal?**

R: Na verdade Portugal tem bom ensino, um ensino suportado pelas novas tecnologias que facilita a compreensão e ajuda no desenvolvimento das competências do aluno.

**3.3. Quais foram as maiores diferenças em relação ao ensino na Guiné-Bissau?**

R: A diferença nota-se nas estruturas físicas escolares, as ferramentas e as tecnologias utilizadas no ensino que faz a diferença na aprendizagem, aqui o aluno aprende-se mais rápido do que na Guiné-Bissau.

**4. Discriminação e Integração Social**

**4.1. Já experienciou ou presenciou situações de discriminação racial ou cultural**

**em Portugal?**

R: Não passei e nunca assisto uma situação idêntica.

**4.2. Como tem sido acolhida pelos colegas, pelos professores e pela comunidade académica?**

R: Foi espetacular, na minha sala somos só 2 rapazes no universo de 72 alunos, fui bem acolhido pelos colegas e pelos professores, portanto não tenho razão de queixa, recebi todo o tipo de apoio necessário por parte da comunidade académica.

**4.3. Sente-se integrado socialmente e culturalmente?**

R: Socialmente digo que sim em termos culturais não totalmente.

## **5. Apoios e Redes de Suporte**

**5.1. Que tipo de apoio familiar, social ou institucional tem recebido desde que chegaste?**

R: Como tinha dito anteriormente recebo apoio por parte do meu tio e recebia o abono da segurança social que, entretanto, foi cortado devido ao contrato de trabalho.

**5.2. Há alguma organização, serviço universitário ou grupo que tenha sido particularmente importante para si?**

R: Sim recebi apoio dos serviços universitário através da representante dos estudantes estrangeiros, quando cheguei tinha dificuldades na informática ela colocou-me numa escola de aperfeiçoamento da informática.

**5.3. O que falta ainda, em termos, de apoio aos estudantes estrangeiros como tu?**

R: Sendo jovens imigrantes que vêm para Portugal estudar o estado guineense tem de prestar mais atenção pois somos os futuros do país.

## **6. Saúde Psicológica e Pressão Académica**

**6.1. Como descreveria o impacto psicológico da sua experiência em Portugal?**

R: Quando cheguei não estava bem psicologicamente senti o impacto negativo,

não percebia nada na escola o que me faz pensar em desistir dos estudos. A minha professora da psicologia falava sempre comigo deixa-me palavras de incentivo e isso me ajudou na integração na escola.

### **6.2. Já sentiu níveis elevados de stress, ansiedade ou cansaço extremo?**

R: Uma vez aconteceu um episódio na escola senti desiludido por não ter conseguido concluir uma tarefa, voltei para casa tive elevado stress, mas depois os meus colegas falar comigo tudo passou.

### **6.3. Que estratégias usa para cuidar da saúde mental e manter a motivação?**

R: Tinha sempre uma sessão de reunião com a minha professora com eu partilhava e ela ajudava-me a manter a minha motivação.

## **7. Fatores Psicossociais e Resiliência**

### **7.1. Que traços pessoais acha que têm sido mais importantes para ultrapassar as dificuldades?**

R: A vontade e a persistência são importantes para ultrapassarmos os obstáculos que a vida nos coloca.

### **7.2. Há algum momento especialmente difícil ou marcante que queira partilhar? Se sim, como o superou?**

R: O momento mais marcante foi numa aula da antropologia, durante a minha apresentação eu tive a oportunidade de cantar o Hino nacional da Guiné-Bissau e Portugal outros alunos saíram de suas turmas vieram assistir, recebi muitos aplausos as pessoas ficaram encantadas comigo. O vídeo desta apresentação foi reproduzido em diferentes partes da escola. Foi muito especial para mim.

### **7.3. O que lhe dá força para continuar?**

R: O desejo de concluir a minha licenciatura em serviço social.

## **8. Perspetivas Futuras**

### **8.1. Quais são os seus objetivos para o futuro, quer a nível académico, quer**

**profissional?**

R: Quando concluir a licenciatura pretendo estudar o mestrado.

**8.2. Pensa regressar à Guiné-Bissau, ficar em Portugal ou procurar outras oportunidades noutros países?**

R: Futuramente quando acabar os meus estudos quero partilhar os meus conhecimentos com pessoas do meu país.

**8.3. Que mudanças gostaria de ver implementadas para facilitar o percurso dos futuros estudantes guineenses no ensino superior português?**

R: Na minha opinião é necessário criar um programa de integração dos estudantes por exemplo as aulas de aperfeiçoamento da língua portuguesa e as aulas da informática.

## **9. Mensagem Final**

**9.1. Que mensagem deixaria a outros jovens guineenses que estão a pensar vir estudar para Portugal?**

R: Aqui nada é fácil por isso temos de ter um objetivo e acreditar nas suas potencialidades, ser humilde, ter o amor próprio, a determinação, o foco e a vontade de vencer. É importante planear a vinha para a Portugal procurar o apoio financeiro para sustentar os estudos.

**9.2. Há algo mais que gostaria de partilhar e que não foi abordado?**

R: Na semana passada fui assistir uma formatura onde a minha amiga fazia parte ela era a única africana da turma, este evento faz-me não só orgulhoso dela, mas também uma motivação extra sabendo que um dia posso estar naquela posição.

## Entrevista – Participante C

### **GUIÃO DE ENTREVISTA:** Estudantes Guineenses no Ensino Superior em Portugal

Esclarecer o entrevistado sobre o principal objetivo da entrevista “compreender os desafios enfrentados por estudantes guineenses no ensino superior em Portugal e identificar os fatores de apoio que contribuem para a sua resiliência, integração e sucesso académico.

Explicar como vai ser registada

Ressaltar a necessidade da colaboração

Garantir o acesso aos resultados

Motivar a o entrevistado para a entrevista.

Assegurar confidencialidade e anonimato

Solicitar a respetiva autorização verbal para gravar a entrevista.

**Agradecer a colaboração**

**Idade:** 25 anos

**Género:** Feminino

### **1. Apresentação e Contextualização**

#### **1.1. Qual o curso que está a frequentar?**

R: Frequento o curso da administração pública.

#### **1.2. Em que ano está?**

R: Estou no 3 ano da licenciatura

#### **1.3. Qual é a sua Universidade ou Politécnico?**

R: Politécnico de Leiria- ESTG

#### **1.4. Há quanto tempo está em Portugal?**

R: Estou em Portugal há 4 anos.

#### **1.5. O que motivou a sua vinda para estudar em Portugal?**

R: Sabe, o meu sonho foi sempre estudar em Brasil, só que não deu certo, a minha mãe incentivou-me a vir cá estudar porque tinha a minha prima que trabalhava na embaixada de Portugal na Guine que me ajudou no processo da candidatura, e foi assim.

### **2. Desafios Económicos**

#### **2.1. Que dificuldades económicas enfrentou ou continuas a enfrentar, desde que chegou a Portugal?**

R: Posso dizer que não deparei com as dificuldades económicas porque recebo sempre o apoio dos meus pais.

#### **2.2. Dedicar-se apenas a estudar ou concilia o estudo com trabalho?**

R: Estou a estudar e a trabalhar.

#### **2.3. Se trabalha, qual é o motivo?**

R: Porque já sou adulta e não quero depender só de ajuda dos meus pais, quero conquistar as minhas coisas como eu pretendo.

#### **2.4. Como tem gerido a necessidade de conciliar trabalho e estudo?**

R: É muito difícil conciliar o trabalho com estudos, algumas vezes tive de sair mais cedo da escola para ir trabalhar, por isso queria parar de trabalhar, mas eu sou humano tenho que ter a capacidade de enfrentar as dificuldades.

#### **2.5. Já teve de tomar decisões difíceis relacionadas com o dinheiro (como adiar cadeiras, trabalhar em excesso, etc.)?**

R: Não, nunca passei por uma situação idêntica.

**2.6. Recebe algum apoio das entidades portuguesas? Se sim quais?**

R: Não recebo nada por parte das entidades portuguesas.

**2.7. Recebe algum apoio das entidades guineenses? Se sim quais?**

R: Também não recebo nada por parte do meu país.

**2.8. Considera que a Guiné deveria apoiar mais significativa os estudantes em Portugal?**

R: Penso que sim, porque os estudantes guineenses deparam com muitas dificuldades financeiras porque os pais não têm condições de sustentar cabalmente os estudos de seus filhos.

**3. Barreiras Linguísticas e Académicas**

**3.1. Sentiu alguma dificuldade com a língua portuguesa europeia, principalmente nos primeiros tempos?**

R: Até agora tenho dificuldades na língua portuguesa, quando o professor falava não entendia nada porque falam muito rápido. Como temos o hábito de falar o crioulo isso leva-me a fazer a tradução direta das palavras que efetivamente não percebo. Eu sentia receio de falar perante as pessoas, no meu 1 ano de curso o meu coordenador disse-me que eu comunico bem preciso falar mais para desenvolver as minhas qualidades linguísticas. A língua portuguesa é muito difícil por isso estou a pensar frequentar aulas de aperfeiçoamento da língua portuguesa.

**3.2. Como descreveria o seu processo de adaptação ao sistema de ensino superior em Portugal?**

R: A minha adaptação ao sistema de ensino não nada fácil, mas graças aos meus colegas da escola, ensinaram-me como funcionava as coisas. Lembro de um dia passar uma semana sem ir as aulas queria desistir liguei a minha mãe a chorar expliquei-lhe a minha situação e ela disse-me para tomar um remédio descansar e prosseguir com os estudos.

### **3.3. Quais foram as maiores diferenças em relação ao ensino na Guiné-Bissau?**

R: Penso que o sistema de ensino guineense estimula os alunos a memorização da matéria através dos textos ou fascículos onde estudam muito, mas têm dificuldades na interpretação dos conteúdos, enquanto, o ensino português é diferente pois permite o aluno desenvolver os seus conhecimentos através do esforço próprio explorando tudo com pouca intervenção dos professores.

## **4. Discriminação e Integração Social**

### **4.1. Já experienciou ou presenciou situações de discriminação racial ou cultural em Portugal?**

R: Aconteceu comigo um episódio num restaurante onde eu trabalhava, um cliente foi reclamar junto do meu patrão a dizer que sempre que ele entrava havia uma rapariga preta a rir-se, conversei com o meu patrão tudo ficou resolvido. Na escola sentia-me excluída sempre que houvesse a possibilidade na composição dos grupos para realização dos trabalhos e os meus colegas não consideravam a minha contribuição no mento da apresentação.

### **4.2. Como tem sido acolhida pelos colegas, pelos professores e pela comunidade académica?**

R: No início foi difícil, mas fui bem acolhido na comunidade académica de Leiria em particular no meu curso, eu sou uma pessoa sempre bem-disposta isso ajudou muito na criação de laços de amizade com os meus colegas de turma, fiz muitos amigos, as minhas professoras, o meu coordenador sempre estiveram ao meu lado a apoiar. Só tenho de os agradecer por tudo.

### **4.3. Sente-se integrado socialmente e culturalmente?**

R: Sim, sinto-me adaptada e integrada em todos os sentidos.

## **5. Apoios e Redes de Suporte**

### **5.1. Que tipo de apoio familiar, social ou institucional tem recebido desde que chegaste?**

R: Os meus pais enviam-me o dinheiro todos os meses, em relação ao apoio social ou institucional não recebo nada.

**5.2. Há alguma organização, serviço universitário ou grupo que tenha sido particularmente importante para si?**

R: Faço parte de grupo de apoio aos estudantes da CPLP "Você é mais-valia" sediado em Lisboa, que tem como objetivo apoiar os estudantes através dos mentores que orientam diferentes educandos a nível de Portugal. Aderi a esta associação através do meu tio que era um dos membros.

**5.3. O que falta ainda, em termos, de apoio aos estudantes estrangeiros como tu?**

R: Os estudantes estrangeiros necessitam de um estímulo de outrem para poderem ter êxito porque são deslocados.

**6. Saúde Psicológica e Pressão Académica**

**6.1. Como descreveria o impacto psicológico da sua experiência em Portugal?**

R: O impacto foi negativo até ao ponto de pensar em desistir e voltar para o meu país.

**6.2. Já sentiu níveis elevados de stress, ansiedade ou cansaço extremo?**

R: Nunca tive depressão e ansiedade até chegar em Portugal, já tive uma crise de ansiedade onde o medico me aconselhou a ficar mais calma, só que eu não conseguia porque na escola as coisas não estavam a correr. Já chorei muito, ligava sempre a minha mãe para pedir conselhos etc.

**6.3. Que estratégias usa para cuidar da saúde mental e manter a motivação?**

R: A música! sou muito fã da banda musical Sul Coreana BTS, quando me sinto sozinha oiço a música deles encontro a minha paz.

**7. Fatores Psicossociais e Resiliência**

**7.1. Que traços pessoais acha que têm sido mais importantes para ultrapassar as**

## **dificuldades?**

R: Independente de raça, cor da pele é importante ter um comportamento exemplar, ser humilde respeitar o próximo.

### **7.2. Há algum momento especialmente difícil ou marcante que queira partilhar? Se sim, como o superou?**

R: Não consigo lembrar nenhum momento marcante ou especial.

### **7.3. O que lhe dá força para continuar?**

R:

## **8. Perspetivas Futuras**

### **8.1. Quais são os seus objetivos para o futuro, quer a nível académico, quer profissional?**

R: O meu objetivo futuramente primeiro é experienciar o trabalho do serviço social e posteriormente estudar o mestrado.

### **8.2. Pensa regressar à Guiné-Bissau, ficar em Portugal ou procurar outras oportunidades noutros países?**

R: O meu sonho é ser empresaria e o meu país tem muitas potencialidades por isso quero construir um projeto independente do lugar onde me encontro a viver.

### **8.3. Que mudanças gostaria de ver implementadas para facilitar o percurso dos futuros estudantes guineenses no ensino superior português?**

R: Penso que a implementação do ano propedêutico para o percurso dos futuros estudantes visto que, nós apresentamos muitas dificuldades não só na língua portuguesa assim como na informática. Assim os mesmos teriam mais preparação para a entrada no primeiro ano do curso.

## **9. Mensagem Final**

### **9.1. Que mensagem deixaria a outros jovens guineenses que estão a pensar vir**

**estudar para Portugal?**

R: A minha mensagem para os jovens é para não desistirem de seus sonhos de estudar, mas também quando pensam em vir cá estudar têm de traçar bem seus objetivos antes.

**9.2. Há algo mais que gostaria de partilhar e que não foi abordado?**

R: Basicamente não tenho mais nada a dizer.

## Entrevista – Participante D

### **GUIÃO DE ENTREVISTA:** Estudantes Guineenses no Ensino Superior em Portugal

Esclarecer o entrevistado sobre o principal objetivo da entrevista “compreender os desafios enfrentados por estudantes guineenses no ensino superior em Portugal e identificar os fatores de apoio que contribuem para a sua resiliência, integração e sucesso académico.

Explicar como vai ser registada

Ressaltar a necessidade da colaboração

Garantir o acesso aos resultados

Motivar a o entrevistado para a entrevista.

Assegurar confidencialidade e anonimato

Solicitar a respetiva autorização verbal para gravar a entrevista.

**Agradecer a colaboração**

**Idade:** 31 anos

**Género:** Masculino

### **1. Apresentação e Contextualização**

#### **1.1. Qual o curso que está a frequentar?**

R: Licenciatura em Educação Básica.

#### **1.2. Em que ano está?**

R: 3 ano

#### **1.3. Qual é a sua Universidade ou Politécnico?**

R: Politécnico de Leiria- ESTG

#### **1.4. Há quanto tempo está em Portugal?**

R: Há 4 anos.

#### **1.5. O que motivou a sua vinda para estudar em Portugal?**

R: Realmente estudar em Portugal foi sempre o meu sonho, concluir a minha licenciatura aqui seria uma honra e um orgulho enorme para mim.

### **2. Desafios Económicos**

#### **2.1. Que dificuldades económicas enfrentou ou continuas a enfrentar, desde que chegou a Portugal?**

R: Os desafios económicos são enormes os meus familiares não têm condições para apoiar o meu estudo. Quando cheguei nem tinha o de dinheiro suficiente para arrendar o quarto e a minha situação financeira piorou por causa da dívida que tinha com a escola, herdei a dívida quase de 1 ano letivo, basicamente cheguei no mês de maio quando faltava pouco para o fim do ano letivo então e eu tinha de pagar a dívida do ano letivo inteiro para poder obter os documentos, para ir apresentar-me a poder obter o título de residência. Seu eu não fosse um jovem corajoso ia desistir dos meus estudos.

#### **2.2. Dedicar-se apenas a estudar ou concilia o estudo com trabalho?**

R: Faço os dois.

#### **2.3. Se trabalha, qual é o motivo?**

R: Como já tinha dito os meus familiares não têm condições para apoiar os meus estudos por isso procurei um trabalho no shopping na remoção dos carrinhos de compra.

#### **2.4. Como tem gerido a necessidade de conciliar trabalho e estudo?**

R: Ah assim eu tenho um contrato de trabalho que não é bem o full-time, mas eu faço horas assim, também trabalho mais final de semana, fiz um plano que é o meu, que não tem nada a ver com o horário de escola e eu tenho o meu dia para trabalhar.

Porque trabalho é sagrado mesmo.

**2.5. Já tive de tomar decisões difíceis relacionadas com o dinheiro (como adiar cadeiras, trabalhar em excesso, etc.)?**

R: Sim, devido a situação em encontrava no primeiro ano tive de adiar os exames para poder trabalhar e pagar as dividas das propinas vencidas.

**2.6. Recebe algum apoio das entidades portuguesas? Se sim quais?**

R: Não nunca recebi algum apoio das entidades portuguesas.

**2.7. Recebe algum apoio das entidades guineenses? Se sim quais?**

R: Nunca recebi apoio por parte do meu país.

**2.8. Considera que a Guiné deveria apoiar mais significativa os estudantes em Portugal?**

R: Eu penso que qualquer que seja governo tem por obrigação de apoiar os seus estudantes no estrangeiro, mas também isso depende do vínculo, ou seja, do contexto de estudo. Porque eu tive a oportunidade de estudar com equatorianos e chineses que às vezes vêm pela mobilidade de 3 meses assim para aí, então naquela mobilidade eles não têm de trabalhar recebem o dinheiro cada mês, eles vêm com materiais eletrodomésticos, computadores e tablets nós não temos o apoio do nosso estado, mas obviamente era preciso porque neste caso o estado não pode exigir nada, imagine quando concluímos estudos consideramos que não temos nenhuma obrigação de voltar para contribuir para o país.

**3. Barreiras Linguísticas e Académicas**

**3.1. Sentiu alguma dificuldade com a língua portuguesa europeia, principalmente nos primeiros tempos?**

R: Realmente senti muitas dificuldades em língua portuguesa no primeiro ano, não me sentia à vontade em falar em público só falava quando é a apresentação do trabalho.

No segundo ano a minha professora de linguística reparou e reconheceu o meu esforço na comunicação e ela chamou-me e disse-me então Abdul, ficaste mais à vontade agora, desde então tenho falado na escola no meu trabalho etc., agora quando encontro qualquer colega na rua, no café e no ginásio dizem olha tu o seu português melhorou bastante.

### **3.2. Como descreveria o seu processo de adaptação ao sistema de ensino superior em Portugal?**

R: Não foi fácil adaptar porque vim de sistema totalmente diferente, aqui o ensino é mais virado as tecnologias é preciso conhecer a informática.

### **3.3. Quais foram as maiores diferenças em relação ao ensino na Guiné-Bissau?**

R: Não quero minimizar o ensino do meu país, mas nós não reunimos aquela condição, porque imagine nós passamos mais tempo em greve o que acontece aqui nada a ver, situação política, nada a ver e a situação de educação nada a ver. Aqui aprendi sobre a planificação académico, planificação de educação. Aqui quando falta minuto, vais repor aquele minuto porque aquele minuto vai refletir no plano semanal e no plano e no plano anual. Imagina. Falando da língua portuguesa aí, na avaliação, adaptação, eles já conhecem figuras geométricas sólidos. Não sei o que é e já sabem alguma coisa. Já começaram a caracterizar aquela figura. Qual é que é quadrado, qual é que ele traga, o qual é que é o cubo que não sei quer eles estão a ver isso, mas imagine este percurso até quarto ano, quinto ano.

## **4. Discriminação e Integração Social**

### **4.1. Já experienciou ou presenciou situações de discriminação racial ou cultural em Portugal?**

R: Eu passei uma situação de discriminação, nos primeiros tempos na escola não eu sentava sozinho porque os colegas da turma não queriam senta-se ao meu lado, por outro lado na realização das tarefas de grupo ninguém queria que os estrangeiros fizessem parte do grupo, por isso formávamos o grupo composto pelos estrangeiros

### **4.2. Como tem sido acolhida pelos colegas, pelos professores e pela comunidade**

## **académica?**

R: Na turma com os colegas foi difícil nos primeiros tempos seguidamente a minha professora ajudou-me a conseguir o meu primeiro emprego, de resto fui bem acolhido.

### **4.3. Sente-se integrado socialmente e culturalmente?**

R: Não é fácil integrar-se numa cultura diferente no curto espaço de tempo, o modo de vida é diferente, mas neste momento sinto-me integrado sim.

## **5. Apoios e Redes de Suporte**

### **5.1. Que tipo de apoio familiar, social ou institucional tem recebido desde que chegaste?**

R: No primeiro ano recebia o apoio moral dos serviços de integração dos estudantes estrangeiros e os géneros alimentícios por parte do serviço de ação social do ILP (Instituto politécnico de Leiria). Queria realçar que tenho uma madrinha portuguesa que me tem ajudado muito desde que cheguei a Portugal.

### **5.2. Há alguma organização, serviço universitário ou grupo que tenha sido particularmente importante para si?**

R:

### **5.3. O que falta ainda, em termos, de apoio aos estudantes estrangeiros como tu?**

R: A escola de qualquer jeito pode apoiar os estudantes, sei que não podem isentar as propinas, mas em termos de apoio de reforço académico por causa das dificuldades dos alunos estrangeiros.

## **6. Saúde Psicológica e Pressão Académica**

### **6.1. Como descreveria o impacto psicológico da sua experiência em Portugal?**

R: Depende de como encaramos esta experiência, quem se prepara o seu espírito quando vem para Portugal percebe que pode encontrar coisas positivas e

negativas.

**6.2. Já sentiu níveis elevados de stress, ansiedade ou cansaço extremo?**

R: Já tive situações que me deixaram mal como pressão académica, mas eu sempre procurei compreender as situações, por isso não senti tanto stress ou ansiedade durante este tempo.

**6.3. Que estratégias usa para cuidar da saúde mental e manter a motivação?**

R: Sempre que eu me encontrava numa situação idêntica procurava apoio das minhas professoras, elas me ajudaram muito neste aspeto.

**7. Fatores Psicossociais e Resiliência**

**7.1. Que traços pessoais acha que têm sido mais importantes para ultrapassar as dificuldades?**

R: A humildade é a chave para ultrapassar todas as dificuldades, a coragem também é determinante para atingirmos o sucesso.

**7.2. Há algum momento especialmente difícil ou marcante que queira partilhar? Se sim, como o superou?**

R: O momento mais difícil foi quando eu cheguei não conhecia ninguém aqui, contraí uma dívida com a escola, não tinha uma alimentação adequada, esta situação foi marcante na minha vida em Portugal.

**7.3. O que lhe dá força para continuar?**

R: O que me dá a força é o desejo de concluir a licenciatura e ter um diploma.

**8. Perspetivas Futuras**

**8.1. Quais são os seus objetivos para o futuro, quer a nível académico, quer profissional?**

R: Futuramente pretendo estudar o mestrado, mas antes preciso trabalhar, organizar e avançar para o mestrado.

**8.2. Pensa regressar à Guiné-Bissau, ficar em Portugal ou procurar outras oportunidades noutros países?**

R: Depois de concluir os estudos em Portugal pretendo regressar sim.

**8.3. Que mudanças gostaria de ver implementadas para facilitar o percurso dos futuros estudantes guineenses no ensino superior português?**

R: Como tinha dito anteriormente é preciso criar condições relativamente a língua portuguesa e as aulas de informática para facilitar os estudantes no primeiro ano.

## **9. Mensagem Final**

**9.1. Que mensagem deixaria a outros jovens guineenses que estão a pensar vir estudar para Portugal?**

R: A minha a minha mensagem vai para os jovens que pretendem vir para Portugal estudar, que traçam bem seus objetivos, que passa necessariamente em frequentar o curso de informática para conhecer algumas ferramentas e ter disponível os meios financeiros disponíveis para os primeiros tempos.

**9.2. Há algo mais que gostaria de partilhar e que não foi abordado?**

R: Não tenho mais nada a acrescentar.